



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO**  
**CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

**MARCELO MONTEIRO COSTA JÚNIOR**

**MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO NAS POSTAGENS DO FACEBOOK SOBRE AS  
OBRAS DE TOLKIEN**

**FORTALEZA**

**2021**

MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO NAS POSTAGENS DO FACEBOOK SOBRE AS  
OBRAS DE TOLKIEN

MARCELO MONTEIRO COSTA JUNIOR

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia do Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Giovanna Guedes Farias

FORTALEZA - CE

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

C874m Costa Junior, Marcelo Monteiro.

Mediação da Informação nas postagens do Facebook sobre as obras de Tolkien /  
Marcelo Monteiro Costa Junior. – 2021.  
82 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro  
de Humanidades, Curso de Biblioteconomia, Fortaleza, 2021.

Orientação: Profa. Dra. Maria Giovanna Guedes Farias.

1. Mediação da Informação. 2. Tolkien, J. R. R. (John Ronald Reuel), 1892-1973. 3. Redes  
sociais. 4. Comunidades de prática. 5. Facebook. I. Título.

CDD 020

---

MARCELO MONTEIRO COSTA JUNIOR

MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO NAS POSTAGENS DO FACEBOOK SOBRE AS  
OBRAS DE TOLKIEN

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia do Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Giovanna Guedes Farias (Orientadora)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Isaura Nelsivânia Sombra Oliveira

Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Jefferson Veras Nunes

Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof<sup>ª</sup>. Ma. Cyntia Chaves de Carvalho Gomes Cardoso (Suplente)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

A Deus.

Aos meus pais, Ivone e Marcelo.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por ter me sustentado em sua graça durante este período atípico.

Aos meus pais, Ivone e Marcelo por seus cuidados e total incentivo aos estudos, sem o qual não teria chegado até aqui.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Giovanna Guedes Farias por sua dedicação e as valiosas orientações que tornaram o percurso traçado neste trabalho algo bem mais leve.

Aos professores Dr<sup>a</sup>. Isaura Nelsivânia, Prof. Dr. Jefferson Veras e Prof<sup>a</sup>. Ma. Cyntia Chaves por participarem da banca examinadora e por suas valiosas contribuições.

Às pessoas especiais que fizeram parte dessa jornada em sala de aula, eventos e corredores, em especial, Adrielly de Fátima, Brenda de Souza, Gabriel Dantas, Hitalo Lima, Maitê Anselmo, Mariana Almeida, Rebeca Cipriano e os demais que contribuíram para este momento. Agradeço por cada experiência compartilhada.

Minha primeira e última filosofia, aquela em que acredito com certeza ininterrupta, aprendi-a no berçário. Eu a aprendi, de modo geral, com uma babá; isto é, com a solene sacerdotisa, tanto da democracia quanto da tradição, indicada pelas estrelas. As coisas em que mais acreditei, as coisas em que mais acredito, são as coisas chamadas de contos de fadas. (CHESTERTON, 2019, p. 58)

## RESUMO

Esta pesquisa teve por objetivo investigar o processo de mediação da informação em postagens referentes às obras de Tolkien, na página da editora HarperCollins Brasil e no grupo Tolkien Brasil no Facebook, com o intuito de observar se há colaboração com a comunidade. Para isso, seu percurso metodológico apresenta uma abordagem qualitativa por conta de seu caráter subjetivo, seu tipo de estudo é de nível exploratório, tendo em vista sua finalidade de desenvolver ideias. Os dados obtidos foram analisados conforme a técnica de Análise da Conversação (AC) na Comunicação Mediada pelo Computador (CMC). O período delimitado abrange o primeiro semestre do ano de 2021, a fim de cobrir as novas publicações da editora. Tendo por critério de escolha o maior número de comentários em postagens sobre as obras do autor, foram selecionados três posts da página e três da comunidade. Os resultados obtidos em análise apontam a presença de colaboração no ato de mediar. Entretanto, a ação não parte da moderação da editora, e sim de seus seguidores, ações frequentes no grupo abordado. Conclui-se que por meio das conversações presentes nos comentários de cada publicação, os usuários podem ter suas dúvidas sanadas de maneira assíncrona. Logo, páginas e perfis de editoras encontram nas comunidades de prática parceiras na mediação da informação.

**Palavras-chave:** mediação da informação; Tolkien, J. R. R. (John Ronald Reuel), 1892-1973; redes sociais; comunidades de prática; Facebook.



## ABSTRACT

This research aimed to investigate the process of mediation of information in posts referring to Tolkien's works, on the page of the publisher HarperCollins Brasil and on the Tolkien Brasil group on Facebook, in order to observe if there is collaboration with the community. For this, its methodological path presents a qualitative approach due to its subjective character, its type of study is exploratory level, in view of its purpose to develop ideas. The data obtained were analyzed according to the Conversation Analysis (CA) technique in Computer Mediated Communication (CMC). The delimited period covers the first semester of the year 2021, in order to cover the publisher's new publications. Having as a criterion of choice the largest number of comments in posts about the author's works, three posts from the page and three from the community were selected. The results obtained in the analysis point to the presence of collaboration in the act of mediating. However, the action does not come from the editor's moderation, but from its followers, frequent actions in the group approached. It is concluded that through the conversations present in the comments of each publication, users can have their doubts resolved asynchronously. Therefore, pages and profiles of publishers find partners in the mediation of information in communities of practice.

**Keywords:** information mediation; Tolkien, J.R.R. (John Ronald Reuel), 1892-1973; social networks; communities of practice; Facebook.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- Layout inicial do thefacebook.com .....	33
Figura 2	- Países onde há atuação da HarperCollins .....	36
Figura 3	- Página inicial do grupo Tolkien Brasil .....	37
Figura 4	- Perfil da editora HarperCollins Brasil no Instagram.....	45
Figura 5	- Instagram: opções de publicação cruzada.....	46
Figura 6	- Instagram: #Repost do perfil @leiaantesdemorrer.....	47
Figura 7	- Facebook: #Repost do perfil @leiaantesdemorrer.....	48
Figura 8	- Novidade no Instagram: publicação ausente do Facebook.....	49
Figura 9	- Publicação 01: “Roverando inaugura uma linha de livros de Tolkien.....	50
Figura 10	- Comentários de seguidores questionando a tradução do título....	51
Figura 11	- Seguidores questionam e interagem a respeito da tradução.....	52
Figura 12	- Publicação 02: “Essa coleção é linda demais, né?”.....	53
Figura 13	- Um seguidor reivindica material promocional.....	54
Figura 14	- Seguidores conversam a respeito de lançamentos.....	55
Figura 15	- Publicação 03: “Lançamento global: A Natureza da Terra-média”	57
Figura 16	- Dúvidas quanto ao conteúdo da obra anunciada.....	58
Figura 17	- Dúvidas sobre um lançamento.....	59
Figura 18	- Dúvida sobre ordem de leitura.....	60

Figura 19 - Tolkien Brasil: Publicação 01 - Uma discussão sobre Tom Bombadil.....	62
Figura 20 - Percepção a respeito do personagem.....	63
Figura 21 - Usuário apresenta possível relação de personagem com outra obra.....	65
Figura 22 - Usuários fazem indicações.....	66
Figura 23 - Tolkien Brasil: Publicação 02 - O Silmarillion ilustrado por Ted Nasmith.....	67
Figura 24 - Membro do grupo solicita link para compra.....	68
Figura 25 - Usuários solicitam informações sobre a obra.....	69
Figura 26 - Tolkien Brasil: Publicação 03 - #tolkienreadingday Partiu Terra Média .....	70
Figura 27 - Integrantes comentam sobre a primeira leitura da obra.....	71
Figura 28 - Usuários fazem indicações .....	72

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>3</b>	<b>TOLKIEN E A LITERATURA FANTÁSTICA .....</b>	<b>19</b>
<b>3.1</b>	<b>Tolkien: um breve histórico .....</b>	<b>19</b>
<b>3.2</b>	<b>Da mitologia aos contos de fadas .....</b>	<b>24</b>
<b>3.3</b>	<b>A Terra-média e outras histórias .....</b>	<b>26</b>
<b>4</b>	<b>REDES SOCIAIS .....</b>	<b>30</b>
<b>4.1</b>	<b>Facebook .....</b>	<b>32</b>
<b>4.1.1</b>	<b><i>HarperCollins Brasil e o grupo Tolkien Brasil .....</i></b>	<b>35</b>
<b>4.2</b>	<b>Comunidades .....</b>	<b>38</b>
<b>5</b>	<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>41</b>
<b>6</b>	<b>ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS .....</b>	<b>44</b>
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>75</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>77</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Pensar em meios de comunicação geralmente nos leva a contemplar toda a trajetória percorrida pela humanidade até os dias atuais, onde com apenas um simples clique podemos enviar imediatamente - para qualquer lugar do planeta desde que haja conexão com a Internet - um *emoticon* capaz de expressar inúmeros sentimentos, construir mensagens etc. Tal ferramenta facilitou a produção e o compartilhamento de conteúdo, o que no passado necessitava de mais tempo e recursos financeiros.

Com a internet e, conseqüentemente, com as redes sociais, podemos não apenas consumir, mas também produzir conteúdos que serão recebidos e logo obterão respostas de outros usuários, que em breve também estarão agregando sentido a partir das suas experiências. Por fim, teremos o material inicial acompanhado das demais impressões de diversos indivíduos, formando uma rede de reflexões.

Com isso, percebemos o quanto pode ser enriquecedor adicionar esse contexto a diversos cenários, entre eles o mercado editorial. A partir das mais variadas comunidades na internet e toda a sua liberdade de produção, nasce um novo consumidor. Munido de novas ferramentas, agora também torna-se produtor, podendo criar comunidades onde se produz conteúdos referentes a determinadas obras, gerando um vasto material de apoio. Assim, produzindo divulgações espontaneamente e auxiliando os demais leitores durante o percurso traçado na construção do seu entendimento a respeito de inúmeras obras, cada uma em seu respectivo grupo.

Essas comunidades contemporâneas onde o indivíduo escolhe participar, pautado em diversos fatores de identificação, são as comunidades de prática. Elas são grupos compostos por pessoas que se reuniram com base em um interesse em comum a fim de compartilhar algo a respeito do assunto em questão (SCHMITT; PACHECO, 2016). Centrada na colaboração, essas comunidades produzem um grande volume de informações, auxiliando diversos usuários.

Entretanto, é possível que o conteúdo produzido e compartilhado nesses grupos não alcance a outra parcela do público interessado, no caso, aqueles que não participam dessas comunidades por opção ou por não terem conhecimento das

mesmas. Sendo assim, explicitando a necessidade da mediação dessas informações.

Observando esse cenário, podemos perceber a importância do bibliotecário enquanto mediador ao atuar nesse contexto, garantindo aos usuários as respostas às suas necessidades informacionais referentes aos mais diversos assuntos. Sendo assim, construímos como objetivo geral deste trabalho **analisar o processo de mediação da informação nas postagens sobre as obras de Tolkien, nas redes sociais da editora HarperCollins Brasil e nas comunidades de prática dos leitores**. Por sua vez, os objetivos específicos se constituem como: Avaliar postagens feitas na página da editora HarperCollins e no grupo Tolkien Brasil e verificar se há colaboração na prática da mediação da informação; Analisar as práticas informacionais do público em grupos do Facebook em relação ao conteúdo dos livros; e Investigar quais as práticas mais frequentes e a natureza dessas comunidades.

A realização dessa pesquisa tem sua justificativa pautada em duas perspectivas, sendo elas: pessoal e científica. A primeira surgiu a partir de observações do pesquisador a respeito das novas publicações das obras de John Ronald Reuel Tolkien por meio da editora HarperCollins Brasil, uma vez que a mesma é a detentora de seus direitos desde o ano de 2018 (GALILEU, 2018). Essas observações carregavam questionamentos a respeito de como ocorre a mediação da informação nas redes sociais da editora (caso ocorra), em especial, entre sua página no Facebook e seus seguidores em relação ao conteúdo de apoio criado e fornecido pelos membros do grupo Tolkien Brasil. A segunda perspectiva traz o viés científico com o intuito de contribuir com futuras pesquisas referentes à mediação da informação, comunidades de prática, auxiliar na compreensão da temática e lançar luz acerca da atuação do bibliotecário nesse cenário.

Este trabalho está dividido em sete seções. A primeira apresenta a temática, a justificativa para a escolha do assunto abordado, a questão problema que motivou essa pesquisa, os objetivos gerais e específicos, entre outras informações necessárias. Já a segunda aborda as questões referentes à mediação da informação, partindo desde sua definição e implicações no uso do termo. A terceira seção trata de Tolkien, apresentando aspectos biográficos, discorrendo a respeito da natureza de suas obras e, por fim, apresentamos suas obras que envolvem ou não a Terra-média, lançando luz sobre as principais discussões a respeito da possibilidade

dessas obras serem alegorias, quais livros englobam esse universo fictício e o que encontramos ao buscar as outras produções do autor. A quarta discorre sobre as redes sociais, com foco no Facebook, na editora HarperCollins, no grupo Tolkien Brasil, e, por fim, nas comunidades em geral e comunidades de prática. Na quinta seção explicitamos a metodologia utilizada, tendo como abordagem qualitativa e sendo uma pesquisa de nível exploratória. A sexta refere-se à análise e discussão dos dados obtidos durante a realização da pesquisa. Por fim, trazemos as considerações finais obtidas após alcançarmos os objetivos traçados.

## 2 MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Em um mundo cada vez mais globalizado a leitura se faz necessária para que ocorra a aquisição de informações no nosso cotidiano. Diante de um expressivo volume de produções na internet, os usuários correm o risco de não encontrarem respostas para os seus anseios informacionais. Sendo assim, considerando o cenário construído a partir das interações nas redes sociais, em especial nas comunidades de prática na internet, surge a necessidade de realizar a mediação dessas informações. Mas, para entrarmos na temática explorada neste trabalho, antes de tudo precisaremos discutir a respeito desta temática.

Segundo o dicionário Michaelis ([2021], *on-line*) o termo mediação apresenta os seguintes sentidos: “1. Ato ou efeito de mediar; 2. [...] de servir como intermediário entre pessoas, grupos, partidos, noções, etc., com o objetivo de eliminar divergências ou disputas; [...] 4. *Jur.* Intervenção por meio da qual se procura chegar a um acordo”. Logo, de forma geral, podemos perceber o princípio de que a mediação aparenta consistir em “estar entre” dois ou mais sujeitos a fim de facilitar uma harmonia com relação aos anseios dos presentes na situação. Esse seria um sentido popular do termo.

Silva e Almeida Júnior (2018) ao tratarem das raízes etimológicas da palavra ‘mediar’ apontam a existência de transformações encontradas desde o séc. XIV até o século XIX. Os autores afirmam que nesse percurso, diversos fatores ocorreram e contribuíram para as suas modificações, desde aspectos históricos até elementos linguísticos. Também ressaltam a dificuldade encontrada diante da tentativa de se recriar um percurso, a fim de traçar a evolução histórica do termo uma vez que isso só seria possível diante do que havia sido registrado. Sendo assim, tornando o processo de investigação impreciso, principalmente, ao pensarmos na possibilidade da existência das transformações intermediárias que não foram registradas. Mesmo que haja chance de se buscar construir este percurso, Silva e Almeida Júnior (2018) apontam a inexistência de condições de encontrar o sentido histórico e social de mediação conforme cada período, uma vez que o mesmo é ressignificado de tempos em tempos segundo seu contexto, assim como podemos observar na atualidade onde ela recebe diversos enfoques conforme a área observada. Uma distinção é discutida por Davallon (2003) ao traçar o uso do termo no senso comum e no



científico, onde o primeiro apresenta uma ideia de conciliação e o segundo uma interação de maior complexidade.

Ainda sobre o sentido de mediação, Davallon (2003) discorre a respeito de algumas visões, entre elas o autor destaca como primeira a ideia de uma interposição, com o intuito de gerar acordo entre partes divergentes, em concordância com a visão central das definições apresentadas anteriormente. Enquanto sentido secundário de mediação, Davallon (2003) apresenta um papel facilitador da comunicação, onde um indivíduo proporciona uma passagem da mensagem para um estado favorável do discurso, a fim de torná-la compreensível para outros sujeitos.

Em complemento ao que foi apresentado por Davallon (2003), para Gomes (2014) a mediação pode ser compreendida como uma ação voltada ao desenvolvimento do protagonismo dos indivíduos envolvidos, sendo esse processo dialógico responsável pela aproximação das ideias. Para a autora:

O processo dialógico possibilita a interlocutores distintos o encontro e a manifestação das subjetividades que emanam da interlocução inter e intrasubjetiva. Na mediação consciente, a dialogia torna exequível o exercício da crítica e a observação mais clara das incompletudes e lacunas que promovem a desestabilização dos conhecimentos estabilizados em cada sujeito. (GOMES, 2014, p.48)

Torna-se perceptível nesse processo a presença da troca e construção de ideias por meio dos participantes através da observação dos pontos propostos, a fim de se alcançar um consenso diante das necessidades informacionais dos indivíduos. Conforme Gomes (2014), a mediação apresenta uma comunicação centrada na relação dialógica, marcada pela colaboração e proporcionando intersecções entre ideias.

Como observamos até aqui a respeito das questões etimológicas e o caráter dialógico, Davallon (2003) nos apresenta algumas propostas de definições relacionadas a alguns setores, sendo elas a “mediação midiática”, “pedagógica” e a “cultural”. A primeira designa o trabalho no interior da mídia, nela o autor toma por exemplo a figura do jornalista enquanto mediador que faz uso da escrita a fim de promover a informação. Já a mediação pedagógica, segundo Davallon (2003), aponta o indivíduo formador como sendo o mediador, centrado em interações educativas com o intuito de direcionar os envolvidos à uma aprendizagem. E por último, a mediação cultural nos apresenta uma abordagem mais teórica,

intrinsecamente ligada à estética, à arte, aos saberes etc. Assim, demonstrando uma variedade de aplicações do termo conforme observado em diversas perspectivas, trazendo alguns aspectos semelhantes.

Para Souto (2008) a mediação está relacionada à interação, uma vez que a segunda pode ser entendida enquanto um processo de sinalização e interpretação de mensagens que ocorrem entre os indivíduos relacionados, podendo ocorrer de maneira síncrona ou assíncrona. O autor apresenta a mediação como sendo uma intervenção humana visando assistir a busca de informação e aprendizagem, por fim, demonstrando haver uma diferença entre mediador e intermediário, explicitando que o segundo possa atuar como conector entre sujeito e a informação desejada. Assim, lançando luz a respeito das diferenças entre a intermediação, mediação e interação.

Com o objetivo de esclarecer as singularidades dos três termos, Souto (2010, p. 77-78) apresenta alguns exemplos baseados nos serviços de disseminação seletiva de informações, para ele:

A intermediação pode ocorrer adotando-se ou não a interação [...] A presença da interação não pressupõe, obrigatoriamente, a existência de mediação [...] A ação de interação pode estar focada na demanda ou na necessidade [...] O objetivo (intermediação ou mediação) da ação de interação tem relação direta com o foco (atender demanda ou necessidade) [...]

Tendo em vista os exemplos apresentados, torna-se perceptível que para haver mediação não seria necessário haver interação entre as partes envolvidas, estando o processo focado na apropriação e atendimento das demandas por parte dos interessados. Souto (2010) conclui que para que a mediação aconteça, observa-se que haja o foco nas necessidades dos usuários, levando em conta todas as suas singularidades, desde personalidade, questões sentimentais e sua capacidade cognitiva. Tudo isso nos levando para além da interação.

Partindo desse cenário, retornaremos para a discussão referente a mediação da informação. Tratar da temática, antes de tudo requer questionamento. Segundo Almeida Júnior e Santos Neto (2014) não é sempre que refletimos a respeito de seu sentido. Assim, prosseguindo com a ideia de que a mediação, conforme apresentado anteriormente, possuiria o sentido semelhante ao de uma ponte, algo estático, com o intuito de transportar a mensagem/informação de um

lado para o outro sem muitas ou até mesmo nenhuma mudança. Sendo assim, Almeida Júnior e Bortolin (2007, p. 6) definem mediação da informação como:

[...] toda ação de interferência – realizada pelo profissional da informação –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural, individual ou coletiva; que propicia a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional.

Tendo em vista a concepção apresentada, logo percebemos que a mediação da informação proporciona aos usuários a possibilidade de construir sentido através da apropriação das informações que lhes forem apresentadas. Ainda explorando o conceito de mediação, Nunes e Cavalcante (2017, p. 2, 3) expõem que em CI ela “está mais vinculada à apropriação - logo, à mudança - do que à recepção ou mero consumo de informações e bens culturais”, corroborando com a quebra da imagem estática proporcionada pelo exemplo da “ponte”. Em concordância com Almeida Júnior e Bortolin (2007), Silva e Silva (2013) apontam que a mediação da informação apresentam dois fatores que podem ser considerados essenciais: a apropriação da informação, que é parte relevante no processo de disseminação, e como segundo fator temos a interferência, necessária para entendermos como a informação seria destinada aos usuários que anseiam pela mesma.

Para Almeida Júnior e Bortolin (2007) a mediação não encontra-se reduzida apenas às atividades que estão relacionadas diretamente ao público que será atendido, mas com todas as ações executadas pelo profissional. Com isso, podemos perceber que a mediação se dá de duas maneiras: explícita e implícita. A primeira pode ser identificada através das atividades fins dos recursos informacionais. Um exemplo pode ser encontrado nos Serviços de Informação e referência. A segunda é identificada nas atividades meio. Podemos tomar por exemplo ações como aquisição e processamento técnico (ALMEIDA JÚNIOR; BORTOLIN, 2007).

Na mediação da informação um aspecto merece ser destacado: a interferência. Para Almeida Júnior e Bortolin (2007, p. 7) “as ações do profissional da informação não são neutras, não são imparciais e resultam sempre em uma interferência.” demonstrando um contraponto em relação à ideia de passividade com que geralmente se relaciona à mediação, como abordado anteriormente na figura da “ponte”. Sendo assim, surge nesse cenário a figura do bibliotecário-mediador,

responsável por propagar a leitura em diferentes espaços de forma plural (ALMEIDA JÚNIOR; BORTOLIN, 2007).

Souto (2008) ao tratar dos níveis de mediação propostos por Kuhlthau, os descreve como sendo eles: *Organizador*, onde a ação do mediador encontra-se relacionada à organização do sistema; o *Localizador*, esse ocorre quando o usuário tem clareza quanto à sua necessidade, assim, possibilitando que o responsável pela mediação possa intervir, buscando e oferecendo a informação almejada; o *Identificador*, nesse nível o contato entre mediador e usuário se dá a partir do momento onde o segundo expõe sua necessidade a fim de receber as indicações de fontes que possam auxiliá-lo; no nível *Conselheiro* há um maior acompanhamento onde o mediador após compreender as necessidades do usuário busca apresentar não apenas as fontes, mas também a sequência do uso das mesmas. E por fim, o nível *Orientador*, nesse o mediador intervém no processo de construção do problema desde o início, acompanhando e interferindo em todas as etapas, sempre dialogando com o usuário. Segundo Souto (2008, p. 67):

A mediação pode agregar valor aos serviços de disseminação seletiva de informações uma vez que, dentre várias outras possibilidades, pode ser usada para definir o perfil do usuário. Assim, pode facilitar a identificação das reais necessidades de informação que motivaram o processo de busca de informação.

Por meio da mediação, considerando os níveis expostos anteriormente, é possível estabelecer uma compreensão a respeito de quem são os usuários, uma vez que cabe ao mediador compreender suas necessidades e o problema gerador das mesmas. Assim, o auxiliando a traçar perfis, repensar estruturas de serviços de informação entre outros aspectos.

Considerando a função do mediador, encontramos nesse profissional a capacidade de conduzir o leitor em sua necessidade informacional (ALMEIDA JÚNIOR; BORTOLIN, 2007). Assim, proporcionando um espaço ou unidade de informação otimizada para atender as demandas de seus usuários. Com a grande produção de informações na Internet torna-se necessária a presença do mediador, para que junto de seus usuários o percurso em busca de respostas possa ser trilhado. Antes de tratarmos da mediação da informação, apresentaremos brevemente o que é “informação”.

De acordo com o Dicionário de biblioteconomia e arquivologia (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 201) a Informação trata-se de um:

1.1 Registro de um conhecimento que pode ser necessário a uma decisão. A expressão 'registro' inclui não só os documentos tipográficos, mas também os reprográficos, e quaisquer outros suscetíveis de serem armazenados visando sua utilização. 1.2 Informação, na sua definição mais ampla, é uma prova que sustenta ou apoia um fato. 1.3 Registro de um conhecimento para utilização posterior.

Tendo em vista essa definição, podemos perceber que com as novas tecnologias de informação e comunicação (TIC) os consumidores assumiram um novo perfil, onde os mesmos além de consumir, também assumem o papel de produtores. Assim, ampliando o volume de registros na Internet, facilitando a disponibilização, porém, dificultando a recuperação do conteúdo produzido nesses espaços.

Almeida Júnior e Bortolin (2007) ressaltam que o espaço informacional é, ao mesmo tempo, objeto e sujeito da história. É o primeiro por conta da influência que recebe, e torna-se o segundo na mesma medida em que influencia, gerando interferências. Além de passar por inúmeras transformações sociais, os espaços informacionais também podem ser considerados agentes dessas mudanças (ALMEIDA JÚNIOR; BORTOLIN, 2007).

Considerando os espaços informacionais proporcionados pelas comunidades na Internet, em especial a página no Facebook da editora HarperCollins Brasil e o Grupo Tolkien Brasil, objetos de estudo de nossa pesquisa, observamos a necessidade de se explorar a temática da mediação da informação nas postagens nesses ambientes. Sendo assim, para compreendermos com clareza o assunto em comum entre a página e a comunidade em questão, na próxima seção iniciaremos a contextualização tratando a respeito da vida e obra de John Ronald Reuel Tolkien, a natureza de suas produções e demais questões a respeito de suas obras.

### **3 TOLKIEN E A LITERATURA FANTÁSTICA**

Tratando-se de ficção, a literatura fantástica é um dos gêneros que tem conquistado espaço com adaptações em outras mídias. Com inúmeras sagas que despertam a imaginação de pessoas de diversas idades essas histórias tem nos apresentado novos universos, reinos, culturas, conflitos políticos etc. Entretanto, obras desse gênero eram tidas como produções infantis. Essa visão logo foi alterada a partir do trabalho de John Ronald Reuel Tolkien (1892 - 1973).

Um dos fatores curiosos a respeito da literatura fantástica é a vastidão de informações necessárias para se compreender o enredo. Com idiomas fictícios, novas criaturas, culturas, políticas, histórias, atividades econômicas entre outros fatores, é notável a probabilidade de haver engajamento entre o público para tornar essas informações sistematizadas.

Sendo assim, consumir obras do gênero possibilita fatores de identificação entre os leitores, afinal, haverá trocas de experiências, impressões, teorias etc, acerca do conteúdo comentado. As comunidades agregam públicos, sejam de novos consumidores ou dos mais antigos, além de mobilizar cada leitor em ações que possam beneficiar as obras em questão, seja em denunciar erros em edições ou manifestar interesse em novas publicações. Contemplando essa síntese, a seguir trataremos dos aspectos biográficos referentes ao Tolkien.

#### **3.1 Tolkien: um breve histórico**

Filho de Arthur Reuel Tolkien e Mabel Suffield, John Ronald Reuel Tolkien ou J. R. R. Tolkien como ficou conhecido, nasceu na noite do dia 03 de Janeiro de 1892 em Bloemfontein na África do Sul. Sua família viajou de Birmingham para o país a negócios, pois seu pai havia conseguido um cargo no Bank of Africa e logo foi para a Cidade do Cabo. Em 1890, Arthur rapidamente alcançou uma promoção e passou a ocupar a função de gerente em uma filial que ficava em Bloemfontein. Tendo passado alguns anos, durante a primavera de 1895, sua mãe Mabel viajou para a Inglaterra com John e Hilary, o filho mais novo que havia nascido no ano anterior, a fim de passar férias com a família e apresentar os familiares às crianças. Entretanto, Arthur Tolkien permaneceu na África do Sul por conta dos negócios. No ano seguinte, no dia 15 de Fevereiro do ano de 1896, Arthur Tolkien faleceu após sofrer

uma hemorragia depois de ter contraído uma febre reumática. (CARPENTER, 2018).

Agora na Inglaterra e com dificuldades financeiras, Mabel e os garotos passaram a residir em alguns locais por pouco tempo. Morando em casas alugadas foram de Sarehole para Moseley, depois King's Heath e por fim, mudaram-se para Oliver Road em Edgbaston. Na educação não poderia ser diferente, em 1900 Tolkien frequentou a King Edward's School e após a primeira mudança os garotos foram matriculados na St. Philip's Grammar School. Depois de um curto período, em 1903 os meninos foram transferidos da St. Philip's para a King Edward's novamente, pois conseguiram uma bolsa de estudos. Mas nem tudo ia tão bem, no início de 1904 Mabel foi diagnosticada com diabetes e após ficar debilitada em um hospital por um período, ela retornou para casa com os filhos e novamente embarcaram em outra mudança. Dessa vez o destino foi Rednal por recomendação do Padre Francis Morgan, que sugeriu que fossem ao vilarejo de Worcestershire, pois o cardeal Newman havia construído uma casa de campo que atendia as necessidades do clero do Oratório. Nestes momentos percebe-se o início da relação de Tolkien com o catolicismo que havia sido inserido em sua vida através de Mabel. Em novembro daquele mesmo ano sua mãe faleceu aos 34 anos de idade. (CARPENTER, 2018).

Apesar de Mabel ter designado o padre Francis como tutor de Tolkien e seu irmão, foi decidido que, naquele momento, o ideal seria o lar de algum familiar. Assim, Tolkien e seu irmão foram morar com sua tia Beatrice Suffield em Stirling Road. Mas por enfrentarem diversas dificuldades, inclusive financeiras, os meninos iam ao Oratório frequentemente e lá auxiliavam o padre Francis nas missas. Na escola, Tolkien sempre demonstrou um grande potencial acadêmico, além do interesse por latim e grego. Era notável sua aptidão para línguas. Desde cedo começou a buscar os elementos em comum entre todas elas. Ali estava sua paixão pela filologia. (CARPENTER, 2018).

No início de 1908 os garotos foram acolhidos pela Sra. Faulkner que alugava quartos. Ela residia em Duchess Road, um lugar próximo ao Oratório. Nesta casa, Tolkien conheceu Edith Bratt, uma das inquilinas que futuramente se tornaria a sua esposa. Alguns anos depois, em 1910, Tolkien foi contemplado com uma bolsa no Exeter College em Oxford e em 1913 ingressou na Honour School of English Language and Literature. No ano de 1916, se casou com Edith e em 04 de Junho daquele mesmo ano embarcou para a França como segundo-tenente do 11º Corpo

de Fuzileiros de Lancashire e serviu como Oficial Sinalizador do Batalhão com o exército Britânico por conta da guerra que se iniciara e retorna no mesmo ano após contrair a “febre das trincheiras” no mês de novembro. (WHITE, 2016)

Após seu retorno e nascimento de seu primeiro filho, John Francis Reuel Tolkien no dia 16 de Novembro de 1917, Tolkien alavancou sua carreira acadêmica. Enquanto estava enfermo, iniciou o processo de escrita do que futuramente seria “O Silmarillion” e em 1918 se integrou à equipe responsável pelo “The New English Dictionary”. Em 1919 passou a dar aulas particulares para estudantes universitários e em 1920 aceitou o cargo para atuar como professor assistente de Língua Inglesa na Universidade de Leeds. Após E.V. Gordon juntar-se à equipe de Leeds em 1922, Tolkien começou a trabalhar com ele em uma edição da obra “Sir Gawain e o Cavaleiro Verde”. Dois anos depois, J. R. R. Tolkien se tornou professor de Língua Inglesa de Leeds e em 1925 foi nomeado professor titular de Inglês Antigo na Universidade de Oxford. (CARPENTER, 2018).

Em sua carreira, Tolkien participou de diversos grupos de leitura, sendo um deles fundado por ele próprio: os Coalbiters, onde lia literatura islandesa. Entretanto, um momento bastante significativo em sua vida foi a participação, junto com seu amigo Clive Staples Lewis<sup>1</sup>, nos Inklings, grupo onde discutiam as obras que estavam escrevendo. Lá também costumavam debater a importância dos mitos e demais obras fantásticas. (WHITE, 2016)

Sobre os Inklings, Carpenter (2018) afirma que o grupo teve início por volta da década de 1930, período onde as reuniões dos Coalbiters chegaram ao fim, uma vez que seus integrantes concluíram a leitura das principais sagas islandesas. Com o fim deste grupo, o autor aponta que Lewis e Tolkien passaram a frequentar uma sociedade literária que teve seu início no ano de 1931, fundada por Tangye Lean, um estudante da University College. tratava-se dos Inklings. Entretanto, após a saída de seu fundador, Carpenter (2018) indica que o grupo sobreviveu através de Lewis e seus amigos, tornando-se uma nova versão da sociedade literária anterior, sendo ela parte importante da vida de Tolkien, onde foi realizada as primeiras leituras e discussões sobre os manuscritos inéditos de *O Hobbit*.

---

<sup>1</sup> Professor de Literatura inglesa na Universidade de Oxford até o ano de 1954, depois assumiu a cadeira de Inglês medieval e Renascentista na Universidade de Cambridge. C. S. Lewis também dedicou-se à escrita, produzindo uma obra de fantasia com ampla popularidade: As crônicas de Nárnia.



Duriez (2018) relata que Lewis escrevera a um ex-aluno chamado Bede Griffiths a fim de explicar uma dedicatória feita ao grupo em uma de suas obras<sup>2</sup>. Na ocasião, o autor listou os integrantes, sendo eles: Charles Williams, Hugo Dyson, Warren Lewis<sup>3</sup>, J. R. R. Tolkien e Robert E. Harvard. Alguns participantes não foram mencionados no relato em questão por terem participado das reuniões irregularmente, como foi o caso de Adam Fox, Charles Wrenn, Nevill Coghill e Owen Barfield. Duriez (2018) aponta que durante e depois da 2ª Guerra Mundial o grupo recebeu novos integrantes, como Christopher Tolkien, John Wain e Roger Lancelyn Green.

Em 1930 uma de suas obras de maior sucesso ganhou seu início: *O Hobbit*. Mas foi somente em 1936 que o manuscrito foi lido por Susan Dagnall, uma colaboradora da editora Allen & Unwin, que comprando a ideia de Tolkien encorajou a conclusão do livro. No ano seguinte a obra foi publicada. Graças ao sucesso, Stanley Unwin sugeriu uma continuação, assim, surgindo “*O Senhor dos Anéis*” que foi publicado em 1954 pela Allen & Unwin. (WHITE, 2016).

Considerando todas as possíveis dificuldades já esperadas se tratando do gênero literário de suas obras, afinal, em sua época as obras de fantasia eram consideradas puramente infantis (o que reduziria seu público-alvo), Tolkien também encontrou um inimigo maior: a guerra. Tendo seus trabalhos publicados entre a Primeira e Segunda Guerra Mundial, lançar algo do tipo seria fazer um investimento incerto, pois não se sabia o quanto a economia seria abalada. Segundo (WHITE, 2016, p. 168):

[...] As coisas pioraram ainda mais em 1942, quando, por um tempo, *O Hobbit* ficou esgotado porque o depósito onde ficava guardado o estoque com os exemplares foi destruído em um ataque aéreo. Tolkien ficou tão frustrado quanto os seus editores e, pessoalmente, sentiu ainda mais; mas só poderia trabalhar dentro de suas limitações.

Tendo noção da escassez proporcionada pelos danos físicos, (WHITE, 2016, p. 179) afirma que “Agora não havia dúvidas quanto à publicação da mitologia inteira e Tolkien concordou que *O Senhor dos Anéis* teria de ser dividido em três volumes separados e publicado em um período de pelo menos doze meses”. A decisão em questão também considerava a mudança de tom da obra, enquanto “*O Hobbit*” carregava uma atmosfera mais amigável, sua sucessora apresentaria tons mais

---

<sup>2</sup> Trata-se do livro *O problema do sofrimento*.

<sup>3</sup> Irmão de C. S. Lewis.

obscuros envolvendo uma jornada épica de caráter mais maduro.

Em 1959 Tolkien aposentou-se e após o falecimento de sua esposa Edith em 1971 ele retornou à Oxford e recebeu os títulos de Comandante da Ordem do Império Britânico e de Doutor honorário em Letras pela Universidade de Oxford. Dois anos depois, em 02 de Setembro de 1973 John Ronald Reuel Tolkien faleceu aos 81 anos. (CARPENTER, 2018).

Após sua morte, Tolkien teve diversos de seus manuscritos compilados e publicados. Suas obras póstumas também obtiveram êxito no mercado editorial. Apresentando a gênese de seu universo literário já consolidado em “O Hobbit” e em “O Senhor dos anéis” o autor alcançou novos feitos demonstrando toda a riqueza cultural que imprimiu em cada página de seus rascunhos, quer eles estivessem concluídos ou não, como foi o caso de “Contos inacabados” publicado em 1980. A obra em questão foi editada por seu terceiro filho Christopher Tolkien (1924 - 2020). Segundo (TOLKIEN; TOLKIEN, 2009, p. XI):

Os problemas com que depara alguém que recebe a responsabilidade pelas obras de um autor falecido são difíceis de resolver. Algumas pessoas, nessa posição, podem decidir que não tornarão disponível para publicação nenhum material, exceto talvez as obras que à época da morte do autor se encontravam em estado praticamente acabado. No caso dos escritos inéditos de J. R. R. Tolkien, esse poderia à primeira vista parecer o caminho adequado, uma vez que ele mesmo, peculiarmente crítico e exigente com sua própria obra, não sonharia permitir que fossem publicadas nem mesmo as narrativas mais completas deste livro sem uma elaboração muito maior. [...] Por outro lado, a natureza e a amplitude de sua invenção, ao que me parece, colocam até mesmo suas histórias abandonadas em posição singular.

Apesar de muitos dos seus escritos não estarem concluídos é possível encontrarmos neles informações adicionais que poderiam dar novos rumos às obras anteriores ou lançar luz a respeito de outros materiais. Alguns desses trabalhos são impressionantes por si só, mesmo tratando-se de fragmentos de uma versão de alguma narrativa já apresentada. Desde então novas obras têm sido editadas e publicadas a partir dos manuscritos do autor, enquanto as já consolidadas permaneciam no topo das vendas sempre com novas edições. Sejam elas comentadas ou não, as histórias de Tolkien cada vez mais tem alcançado novas gerações sem perder a atenção das anteriores. Atualmente as obras de Tolkien são publicadas pela editora HarperCollins (GALILEU, 2018). Na próxima seção trataremos da natureza de suas obras, de suas influências encontradas na mitologia e nos contos de fadas.

### 3.2 Da mitologia aos contos de fadas

Desde cedo o nosso imaginário é alimentado por narrativas fantásticas. De maneira lúdica elas constroem e transmitem sentidos através de aventuras, dramas etc. Para compreendermos a profundidade das obras de Tolkien é necessário antes de tudo discorrermos a respeito da natureza da fantasia e suas implicações em uma obra literária. Para Lewis (2019, p. 60): “A palavra fantasia é um termo tanto literário quanto psicológico. Enquanto literário, uma fantasia significa qualquer narrativa que lida com o impossível e o sobrenatural.” Podemos perceber que a ênfase de Lewis está na presença de um fator que ultrapasse os limites do natural, sua definição aproxima-se em essência da apresentada por Todorov (2017, p. 30, 31):

O fantástico ocorre nesta incerteza; ao escolher uma ou outra resposta, deixa-se o fantástico para se entrar num gênero vizinho, o estranho ou o maravilhoso. O fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural.

Uma aplicação desse ponto encontra-se no conto “*Ferreiro de Bosque Grande*”, obra de J. R. R. Tolkien, onde o autor nos apresenta a história de um garoto que após comer o pedaço de um bolo servido em uma comemoração - o Banquete das Boas Crianças - acaba engolindo um “ingrediente” misterioso que lhe garantiu o dom de poder entrar na *Terra-Fada*. (TOLKIEN, 2015) Essa obra em contraponto com as que envolvem a Terra-Média - terra fictícia onde situam-se as histórias que envolvem “O Silmarillion”, “O Hobbit”, “O Senhor dos anéis” entre outras - nos apresenta o contraste entre mundos, os perigos, as maravilhas etc, tendo em vista que nela o natural e o sobrenatural se encontram, e é nela que observamos nitidamente os elementos que conduzem a fantasia de Tolkien ao que se considera contos de fadas. Segundo Tolkien (2020, p. 23):

[...] a acepção ‘estórias sobre fadas’ era estreita demais. E é estreita demais, mesmo se rejeitarmos o tamanho diminuto, porque estórias de fadas não são, no uso normal em inglês, estórias sobre fadas ou elfos, mas estórias sobre *Feéria*, o reino ou estado no qual as fadas têm seu ser. *Feéria* contém muitas coisas além de elfos e fadas e além de anões, bruxas, trolls, gigantes ou dragões. Ela abriga os mares, o sol, a lua, o céu, a terra e todas as coisas que estão nela: árvores e pássaros, água e pedra, vinho e pão e nós mesmos, homens mortais, quando estamos encantados.

O termo *Feéria* usado por Tolkien é derivado de “*Faërie, Fairy*” que significa fada. Entretanto, nessa ocasião, ele é utilizado como referente à “magia”. Para Tolkien (2020) a natureza dessas narrativas não se dá pelas definições encontradas em elfos e fadas, assim como em qualquer outra criatura nestes aspectos fantásticos. Mas pode ser vista a partir do uso de *Feéria* independentemente de seu teor, podendo ter por propósito apresentar uma aventura, algo satírico, uma discussão moral, religiosa entre outras abordagens. Ou seja, para que alguma obra fosse classificada como tal, deveria - seguindo a concepção apresentada por Tolkien - fazer uso do reinado e das leis de *Feéria*, do contrário não se enquadraria em “contos de fadas”. A fim de elucidar essa posição, Tolkien (2020) disserta a respeito de obras cujas narrativas apresentam personagens peculiares com o propósito de demonstrar que esse detalhe não é o suficiente para categorizar essas produções como contos de fadas. Para isso, toma por exemplo os *Elois*, seres presentes em “A máquina do tempo”, obra de H. G. Wells. O personagem humano denominado “Viajante do tempo” após viajar para o futuro descreve as criaturas que encontrou da seguinte forma:

[...] Era uma criatura pequena, devia medir um metro e vinte de altura, vestida com uma túnica roxa amarrada à cintura por um cinto de couro. Calçava sandálias ou botas com abertura nos dedos, não consegui distinguir bem, suas pernas estavam descobertas até o joelho e sua cabeça também estava exposta [...] (WELLS, 2020, p. 32)

Os seres em questão possuíam aparência humana, eram delicados e semelhantes a crianças. Para Tolkien (2020) a presença dessas criaturas com algumas características diferentes dos humanos comuns, não poderia garantir a classificação de uma obra como contos de fadas justamente por não fazer uso de *Feéria* e todas as suas leis, como pode ser visto na obra citada, que por sua vez trata-se de uma ficção científica.

Ainda considerando esses aspectos, podemos observar toda a estrutura que envolve as obras referentes a Terra-média. Nelas, Tolkien empregou recursos que garantem profundidade às suas narrativas - iniciando com seus conhecimentos em filologia - e um maior desenvolvimento do que se denomina *Feéria*. De acordo com Carpenter (2018, p. 127):

A ideia tivera origem no seu gosto pela invenção de línguas. Havia descoberto que, para conferir certo grau de complexidade a tal empreitada, era preciso criar para as línguas uma “história” na qual elas pudessem se

desenvolver. Ao escrever os primeiros poemas sobre Earendel, ele já começara a esboçar um pouco dessa história; agora queria registrá-la na sua totalidade.

Em suas obras Tolkien sempre registrou um caráter mitológico. Influenciado desde sua infância e adquirindo cada vez mais repertório durante sua vida acadêmica, ele desenvolveu trabalhos relacionados a ensaios, traduções e adaptações. Alguns dos seus feitos estão relacionados às obras “*Beowulf*” e “*A história de Kullervo*”. Tratando-se de Kullervo - personagem presente no Kalevala -, podemos encontrar elementos de sua narrativa na obra “Narn i chîn Húrin: o conto dos filhos de Húrin”. Para Flieger (2016, p. IX) “Sua narrativa sobre a saga do infeliz Kullervo é a matéria-prima da qual derivou uma de suas histórias mais poderosas, a dos filhos de Húrin”. Kullervo e sua trama serviram de inspiração para a criação de Túrin Turambar, personagem presente na mitologia de Tolkien. Segundo Carpenter (2018), Tolkien tinha o desejo de criar uma mitologia para a Inglaterra:

Nos seus tempos de estudante, ele insinuara tal intenção quando escreveu sobre o *Kalevala* finlandês: “Gostaria que nos houvesse restado mais - algo semelhante que pertencesse aos ingleses.” A ideia cresceu até atingir proporções grandiosas. Eis como Tolkien a expressou ao lembrá-la muitos anos depois: [...] tive a intenção de criar um corpo de lendas mais ou menos interligadas, que abrangesse desde o amplo e cosmogônico até o nível de conto de fadas romântico - o maior apoiado no menor em contato com a terra, o menor sorvendo esplendor do vasto pano de fundo - que eu poderia dedicar simplesmente à Inglaterra, ao meu país. (CARPENTER, 2018, p. 127-128).

Tendo em vista seu empenho em criar uma mitologia para a Inglaterra e todos os outros fatores apresentados até aqui, encontrar uma classificação exata para as obras de Tolkien é uma tarefa árdua que exige grande esforço. Sempre contendo elementos que transitam entre mitologia e contos de fadas, sua fantasia nos apresenta um universo rico de línguas, culturas, criaturas, histórias entre outros elementos que nos entregam uma narrativa épica concisa. Sendo assim, é notório que sua criação está em plena concordância com sua visão a respeito das leis e da natureza de *Feéria*, nos garantindo todo um universo literário a ser explorado. A seguir trataremos de suas obras que envolvem ou não a Terra-média.

### **3.3 A Terra-média e outras histórias**

Atualmente publicadas pela editora HarperCollins desde o ano de 2018 (GALILEU, 2018), as obras de Tolkien têm alcançado novos leitores e lançado luz sobre diversas discussões. Entre elas podemos destacar as principais: a possibilidade das obras referentes a Terra-média serem alegorias, quais livros englobam esse universo e o que encontraremos ao buscar as outras produções do autor.

Conforme foi apresentado brevemente na seção 2.1, podemos destacar dois elementos que nos auxiliarão ao tratarmos de possíveis alegorias nas obras referentes à Terra-Média: a amizade de Tolkien com Clive Staples Lewis e sua relação com o Catolicismo. Clive, ou C. S. Lewis como é mais conhecido, é o famoso autor da série infanto juvenil “*As crônicas de Nárnia*”. Assim como foi demonstrado, Lewis e Tolkien influenciavam-se mutuamente e suas contribuições também foram de suma importância para a consolidação do cenário correspondente à literatura fantástica como conhecemos nos dias de hoje, além de sempre motivar as produções de Tolkien (CARPENTER, 2018).

Enquanto cristão anglicano, Lewis expressou em Nárnia diversas alegorias bíblicas. Esse fato pode ser conferido em “*O sobrinho do mago*” (LEWIS, 2014), primeiro volume da série “*As crônicas de Nárnia*”. Na obra em questão temos alguns acontecimentos que nos apontam essa conclusão, tal como a criação de Nárnia e seus habitantes por meio da canção de Aslam, o Leão (LEWIS, 2014). Este trecho possui diversas semelhanças com o que podemos encontrar no relato bíblico de Gn 1. 1-31 a respeito da criação da terra e dos seres vivos. No decorrer da obra encontramos diversas referências, sejam a respeito da origem do mal, sobre Adão e até mesmo redenção.

Entretanto, é comum vermos especulações do tipo a respeito das obras de Tolkien. Sendo um cristão católico é com frequência que encontramos afirmações a respeito de possíveis alegorias religiosas ou referentes à Primeira e Segunda Guerra Mundial em suas obras. Sobre “*O Senhor dos Anéis*” Tolkien (2000, p. XII) afirma que “Quanto a qualquer significado oculto ou ‘mensagem’, na intenção do autor estes não existem. O livro não é nem alegórico nem se refere a fatos contemporâneos.”. Tratando-se da Segunda Guerra ao citar uma “ameaça de desastre inevitável” iniciada em 1939, Tolkien (2000) afirma que a essência de sua obra já havia sido desenvolvida anteriormente, então, independente dos rumos que a guerra tomaria, o enredo de sua obra seguiria a mesma sequência de fatos já

definidos. Ainda sobre as especulações a respeito da obra ser uma alegoria, Tolkien (2000, p. XIII) afirma:

Outros arranjos poderiam ser criados de acordo com os gostos ou as visões daqueles que gostam de alegorias ou referências tópicas. Mas eu cordialmente desgosto de alegorias em todas as suas manifestações, e sempre foi assim desde que me tornei adulto e perspicaz o suficiente para detectar sua presença. Gosto muito mais de histórias, verdadeiras ou inventadas, com sua aplicabilidade variada ao pensamento e à experiência dos leitores. Acho que muitos confundem “aplicabilidade” com “alegoria”; mas a primeira reside na liberdade do leitor, e a segunda na dominação proposital do autor.

Considerando esses aspectos percebemos que, o que pode ser deduzido através das obras de Tolkien, é fruto da aplicabilidade. Conforme apresentado na seção 2.2 o autor inspirou-se em determinados elementos de outras lendas e culturas para lapidar a sua mitologia, como foi o caso de Kullervo e a história referente aos filhos de Húrin. Logo, as obras que tratam da Terra-Média não possuem a intenção de apontar para outras crenças e acontecimentos históricos que não estejam relacionados ao próprio conjunto de lendas criadas por Tolkien.

Para compreendermos a Terra-Média antes precisamos entender que ela nos é apresentada por meio de inúmeras obras. Assim como em outras mitologias, Tolkien também deu uma narrativa de origem para o seu mundo. Podemos encontrá-la na obra “O Silmarillion” que é composta por outras obras curtas, entre elas: Ainulindalë, Valaquenta, Quenta Silmarillion, Akallabêth e por fim, Dos Anéis de poder e da Terceira Era (TOLKIEN, 2011). Nela encontramos a criação de tudo e os primeiros conflitos que ocorreram depois. Das narrativas apresentadas na obra, algumas ganharam novas versões em volumes próprios, que foi o caso de Os filhos de Húrin, Beren e Lúthien e A queda de Gondolin. Além disso, uma outra obra nos foi apresentada: Contos inacabados. Nela encontramos um conjunto de narrativas que vão desde os dias antigos relatados em “O Silmarillion” até o fim da guerra do anel apresentada em “O Senhor dos Anéis” (TOLKIEN; TOLKIEN, 2009). Após esses, temos “O Hobbit”, cujo enredo nos apresenta o elemento base para a história narrada na trilogia de “O Senhor dos Anéis”, obra composta de três volumes, entre eles: A Sociedade do Anel, As duas Torres e por fim, O Retorno do Rei.

Além dessas obras, dois poemas também ocorrem nesse universo: “As aventuras de Tom Bombadil” e “A última canção de Bilbo”. Ainda se tratando da Terra-Média, há uma coleção de 12 volumes ainda não lançados no Brasil, a

coletânea “The History of Middle-Earth”. Essas obras foram publicadas no Reino Unido durante o período de 1983 até 1996 com os comentários de Christopher Tolkien (ABBADE, 2018). É familiar ao público das obras de Tolkien encontrar capítulos com informações adicionais, genealogias, glossários, páginas contendo versões em fac-símile, mapas e até mesmo linhas do tempo em cada livro, o que enriquece a leitura.

Além das obras a respeito da Terra-Média, Tolkien também publicou alguns contos, entre eles temos “Mestre Gil de Ham”, “Mr. Bliss”, “Cartas a Papai Noel”, a obra “Roverandom”, “A história de Kullervo” entre outras, incluindo traduções como foi o caso de “Beowulf” e ensaios como “Sobre Estórias de Fadas” (NOAD; COLLIER; HELEN, [2021]). Conhecer a diversidade de materiais produzidos por Tolkien é relevante para compreendermos sua relação com as obras e com a história da fantasia moderna.

Atualmente as redes sociais *online* tornaram-se ambientes propícios para se estabelecer comunidades com o intuito de promover discussões referentes a diversos tipos de obras, e com as de Tolkien isso não poderia ter sido diferente. Entre as inúmeras redes existentes, o Facebook merece destaque por fornecer ferramentas o suficiente para impulsionar a criação de comunidades ricas em termos de recursos, permitindo postagens de vídeos, imagens, enquetes, textos, *lives* etc, beneficiando o novo perfil de consumidor que também assume o papel de produtor. Grupos como Tolkien Brasil, o Dragão Verde (Tolkien Talk), Sociedade Tolkien Brasileira entre outros, têm congregado diversos leitores na plataforma sob o propósito de compartilhar informações a respeito das obras do autor, auxiliando aqueles que tiverem interesse em seus estudos e demais produções. Essas comunidades têm recebido mais atenção e conquistado novos membros por meio das novas publicações das obras de Tolkien, algumas delas ainda inéditas no Brasil, agora lançadas pela editora HarperCollins. A seguir, para iniciarmos a abordagem desse cenário, conceituamos redes sociais e apresentamos o contexto nacional, abordando desde a disposição de aparelhos para o uso dessas plataformas até o acesso à internet e tempo em rede.



## 4 REDES SOCIAIS

Observando as principais mudanças em destaque na sociedade contemporânea, é perceptível que a agilidade tomou conta de inúmeras esferas, entre elas podemos destacar a comunicação. Graças à presença da internet é possível nos conectarmos a pessoas do outro lado do mundo, conversar, compartilhar informações, formar grupos ligados por algum interesse em comum etc. Tratando-se da informação no cotidiano, Milanesi (2013) nos apresenta o percurso que a sociedade trilhou ao modernizar a maneira de disseminar a informação, indo da época em que era utilizado o papiro aos elementos na plataforma digital dos dias atuais. Em paralelo, o autor elenca a cada mudança os impactos econômicos e sociais atribuídos às novas tecnologias de informação e comunicação (TIC). Podemos tomar por exemplo a produção de livros e a ampla disseminação da informação de forma mais acessível, e a televisão, que segundo Milanesi (2013, p.44):

O rádio levava a fala e os sons da capital para todas as cidades, forçando uma aproximação entre valores, hábitos e costumes diferentes. A televisão potencializou, pela imagem, esse papel dentro de uma constante: o conteúdo e as imagens são produzidos nos centros economicamente mais fortes e disseminados, sem barreiras físicas, a um território heterogêneo em seus padrões socioculturais.

Considerando esse caráter hegemônico promovido pela televisão, podemos perceber que o próximo passo encontrado seria a popularização da internet, e, conseqüentemente, das redes sociais, descentralizando a produção de conteúdo e dando ao telespectador a chance de também ser um produtor, independente de sua região, grau de escolaridade ou classe social. Com o desenvolvimento tecnológico, tornou-se possível termos acesso às redes sociais em qualquer lugar por meio de um simples *smartphone*. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - Tecnologia da Informação e Comunicação (PNAD Contínua TIC) do ano de 2018 (IBGE, 2018 apud TOKARNIA, 2020, online):

Os dados mostram que 79,3% dos brasileiros com 10 anos ou mais têm aparelhos celulares para uso pessoal, com ou sem internet. Esse percentual era 78,2% em 2017. No mesmo ano, 84,4% das pessoas com aparelhos móveis tinham também acesso à rede por meio deles. Esse índice aumentou para 88,5% em 2018.

Tal fator demonstrado na pesquisa em questão nos apresenta o contexto propício para a ascensão do uso da internet e das redes sociais no cotidiano do povo brasileiro. Segundo Terra (2020) ao tratar dos dados da *Hootsuite*, o Brasil encontra-se em 2º lugar no ranking de países que passam mais tempo conectados à internet. Além disso, foi demonstrado que o número de usuários de redes sociais obteve um crescimento de cerca de 9% no ano de 2018. A pesquisa em questão também apontou que o brasileiro geralmente fica conectado por mais de nove horas todos os dias. Além disso, segundo Kemp (2021) o número de usuários de internet no Brasil aumentou 6,4% entre o ano de 2020 e 2021. Durante o mesmo período, a quantidade de pessoas cadastradas em mídias sociais cresceu 7,1% (KEMP, 2021).

Tratando-se das atividades realizadas pelos brasileiros na web, destacamos o uso das redes sociais. De acordo com Eishima (2020) a respeito da proporção de pessoas que usam a internet para comunicação, 92% dos usuários utilizam para o envio e recebimento de mensagens instantâneas - seja por meio de WhatsApp ou demais aplicativos -, 76% usam para redes sociais e 73% para chamadas de vídeo ou voz. Tendo em vista o contexto apresentado, é nítido que o brasileiro dispõe de um cenário favorável para a utilização das redes sociais em seu cotidiano, seja para uma simples interação ou como uma ferramenta potencializadora dos seus negócios. Para Recuero (2009) a definição de rede social é apresentada como um conjunto composto por dois elementos, sendo eles: os atores e suas conexões. O primeiro apresentado pode ser exemplificado por pessoas, agremiações ou entidades, o que Recuero (2009) define como “os nós da rede”. Já as conexões, por sua vez, são naturalmente marcadas pelas interações ou laços sociais. Esses elementos são considerados a base para que a rede possa ser percebida e as informações sobre ela possam ser apreendidas. Segundo Recuero (2009, p. 25):

Os atores são o primeiro elemento da rede social, representados pelos nós (ou nodos). Trata-se das pessoas envolvidas na rede que se analisa. Como partes do sistema, os atores atuam de forma a moldar as estruturas sociais, através da interação e da constituição de laços sociais.

Considerando a distância entre os indivíduos que estão envolvidos na interação social, em uma comunicação mediada por computador (CMC), os atores a princípio não são facilmente identificados. Assim, surgiu a necessidade de atuar com atores sociais ou construções identitárias do ciberespaço (RECUERO, 2009). Neste caso, um ator passaria a ser representado por uma conta no Twitter, uma simples

página no Facebook, um perfil no Instagram etc. Por meio dessas representações expressariam suas falas, ideais, entre outros fatores. Assim, manifestando características da sua personalidade (RECUERO, 2009). Tratando-se do segundo elemento, as conexões, Recuero (2009, p.30) disserta que:

Enquanto os atores representam os nós (ou nodos) da rede em questão, as conexões de uma rede social podem ser percebidas de diversas maneiras. Em termos gerais, as conexões em uma rede social são constituídas dos laços sociais, que, por sua vez, são formados através da interação social entre os atores. De um certo modo, são as conexões o principal foco do estudo das redes sociais, pois é sua variação que altera as estruturas desses grupos.

Nos ambientes presentes na internet podemos perceber essas interações a partir dos “rastros sociais” (RECUERO, 2009). Por rastros entendemos como o resultado do contato entre atores e conteúdos. Tomamos por exemplo os comentários realizados por um usuário em uma determinada postagem no Facebook, evidenciando sua relação com outros perfis ou com o conteúdo apresentado.

“A interação seria a matéria-prima das relações e dos laços sociais.”, como explica Recuero (2009, p. 30). Segundo a autora, considerando esse aspecto, podemos salientar que a interação social pode se dar de maneira síncrona e assíncrona, sendo a primeira efetuada em tempo real, onde os participantes estão *on-line* e aguardam respostas de imediato. Podemos tomar por exemplo o bate-papo de alguma rede social. A segunda maneira ocorre de forma em que os atores não aguardam respostas de imediato, como é o caso dos fóruns.

A partir dessa breve apresentação a respeito do contexto que envolve as redes sociais no Brasil e dos elementos que a compõem, podemos perceber sua importância na disseminação da informação. Tendo em vista as inúmeras ferramentas fornecidas por essas plataformas, na próxima seção abordaremos o Facebook, tratando desde a sua fundação, transformações e demais funcionalidades.

#### **4.1 Facebook**

Lançado no dia 04 de fevereiro de 2004 por Mark Zuckerberg e seus co-fundadores Dustin Moscovitz, Chris Hughes e Eduardo Saverin, o Facebook é

uma das maiores redes sociais do momento. Atingindo mais de dois bilhões de contas ativas no dia 27 de junho de 2017, a plataforma possibilita aos seus usuários um ambiente propício para a produção e a disseminação de conteúdos (FACEBOOK, [2019]). Atualmente com escritórios em 70 cidades ao redor do mundo e 17 *data centers*, a rede a princípio foi criada para uso exclusivo no *campus* da Universidade de Harvard em 2003 (CANALTECH, [2021?]).

Primeiramente difundida como *thefacebook.com*, a plataforma inicialmente exigia o endereço de e-mail da universidade para que o cadastro dos usuários fosse realizado (JUNQUEIRA, 2018). Após modificações na rede social foi implementado o “mural”, garantindo que os usuários pudessem fazer publicações para seus amigos, atingindo a marca de mais de 1 milhão de pessoas cadastradas ao aceitar participantes de todos os lugares. Assim, no dia 20 de setembro de 2005 o *thefacebook.com* tornou-se *Facebook.com*.

**Figura 1** - Layout inicial do *thefacebook.com*.



**Fonte:** Olhar digital, 2018.<sup>4</sup>

Ainda com muitas limitações, foi somente em 01 de outubro de 2005 que a plataforma passou a possibilitar a postagem de fotos. Entretanto, diversas melhorias estavam por vir, como por exemplo o lançamento do Facebook para celular em 01 de abril de 2006 e a implementação do feed de notícias no dia 05 de setembro. No ano seguinte, mais precisamente no dia 24 de maio, a rede lançou sua própria

<sup>4</sup> Disponível em:

<https://olhardigital.com.br/2018/12/20/noticias/facebook-confira-a-historia-e-dicas-de-seguranca-para-a-rede-social/>. Acesso em: 12 mar. 2021.

plataforma. O ano de 2007 foi marcado por desenvolvimento, no dia 22 de junho tornou-se possível a postagem de vídeos. Mas o que alteraria de vez as dinâmicas do Facebook viria alguns meses depois: o lançamento da ferramenta de criação de páginas e a plataforma de anúncios com autoatendimento no dia 06 de novembro, o que daria um maior potencial de monetização (FACEBOOK, [2019]).

O ano seguinte seria marcado por promover maior interatividade. No dia 06 de abril de 2008 a rede lançou o recurso de bate-papo, assim, preparando a plataforma para o que estava por vir: as conexões e um novo Facebook. A partir dessas mudanças, no dia 09 de fevereiro de 2009 foi apresentado o botão *curtir*, ferramenta de interação que futuramente possibilitaria a entrada das reações. Com o crescimento da popularidade do Facebook, até 21 de julho de 2010 já somavam quase 500 milhões de usuários ativos na plataforma. A partir desse marco, um novo recurso seria implementado, em 06 de outubro de 2010 foi apresentado a ferramenta de criação de grupos. Assim, possibilitando o nascimento de diversas comunidades e facilitando o compartilhamento de conteúdo entre pessoas com o mesmo interesse, algo potencializado no ano seguinte, no dia 09 de agosto de 2011 após o lançamento do Facebook Messenger (FACEBOOK, [2019]).

Um passo muito importante na história do Facebook foi realizado no dia 09 de abril de 2012 quando foi anunciada a aquisição do Instagram, o que futuramente mudaria parte da dinâmica da rede social em questão ao considerarmos o mecanismo de publicações e Stories nas duas redes sociais (FACEBOOK, [2019]). A fim de aumentar a distribuição de conteúdos, o Instagram possui um sistema de publicação cruzada automática onde ao vincular uma conta a uma página ou algum perfil pessoal no Facebook podemos configurar uma postagem simultânea de todo story ou postagens. Assim, replicando os posts nos locais de destino conforme cada elemento presente nas publicações originais: imagens, vídeos, textos, emojis e tags (FACEBOOK, [2021]).

Até o ano seguinte a plataforma alcançou mais de um bilhão de usuários conectados, o que gerou maior necessidade de segurança. Sendo assim, no dia 15 de outubro de 2014 foi anunciado o recurso *Check-in de segurança*. Tendo garantido maior interatividade a rede apostou em um melhor uso do potencial de hardware, então, em 27 de abril de 2015 foi implementado o recurso de chamada de vídeo no Messenger, ferramenta que lançaria luz a respeito das novidades que estariam por vir: as Lives e as tão aguardadas reações. A rede também garantiu ao usuário um

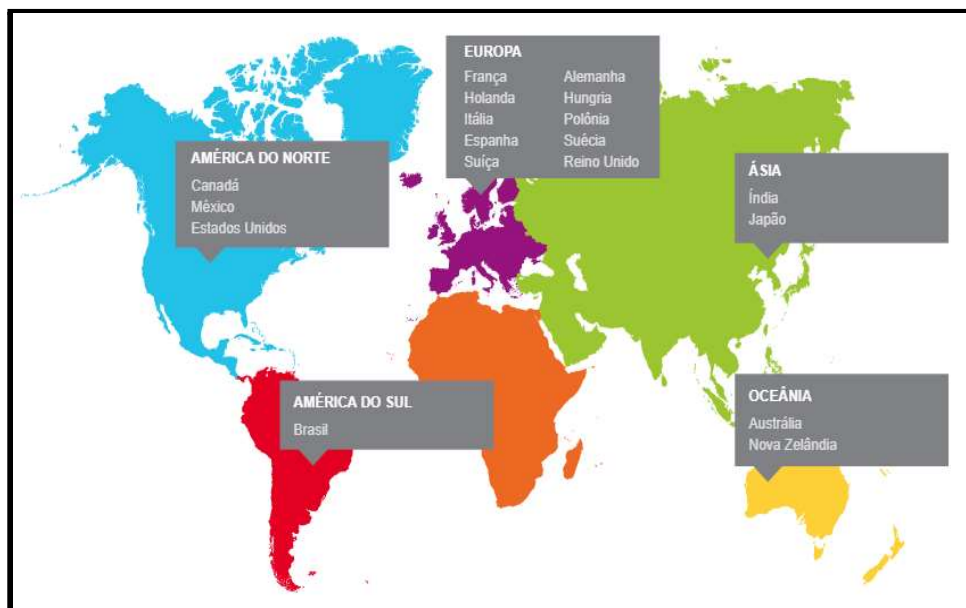
ambiente para negócios por meio do Marketplace em 2016 (FACEBOOK, [2019]). É perceptível que enquanto rede social o Facebook garante aos seus usuários recursos o suficiente para desenvolver diversas atividades, seja na implementação e manutenção de comunidades, na venda de produtos *online* ou na divulgação dos mesmos nas páginas. A partir desses aspectos, diversas marcas aderiram a essas ferramentas como forma de interagir com seu público, divulgar promoções entre outras ações, a exemplo da editora HarperCollins.

#### **4.1.1 HarperCollins Brasil e o grupo Tolkien Brasil**

Fundada em Nova York no ano de 1817 pelos irmãos James e John Harper, a editora HarperCollins inicialmente se chamava J. e J. Harper, e futuramente seria conhecida como Harper & Brothers. Entretanto, essa não seria a última mudança que enfrentaria. No ano de 1987, sob o nome Harper & Row, a editora foi vendida para o grupo News Corporation. Após essa fase de transição, em 1990 a editora britânica William Collins & Sons também foi adquirida pelo mesmo grupo. Assim, surgiu um dos maiores grupos editoriais da atualidade (HARPERCOLLINS, [2021]).

Com sede em Nova York, a editora está presente em 18 países, além de publicar obras em 16 idiomas. Atualmente possui os direitos autorais das obras de Tolkien. (HARPERCOLLINS, [2021])

**Figura 2** - Países onde há atuação da HarperCollins.



Fonte: HarperCollins, 2021.<sup>5</sup>

Mas foi somente no ano de 2015 que o grupo editorial iniciou suas atividades no Brasil (HARPERCOLLINS, [2020]), consolidando-se por meio da união de três de seus maiores selos: a editora HarperCollins (recém-chegada no país) e as já consolidadas Thomas Nelson, presente no Brasil desde o ano de 2006 atuando no mercado de livros cristãos, especificamente evangélicos (THOMAS NELSON, [2020]) e a Harlequin, presente no país desde 2005 publicando romances de época ou contemporâneos escritos por e para mulheres (HARLEQUIN, [2020]). Com um catálogo diversificado a editora HarperCollins Brasil publica obras de ficção, não-ficção, infantis, infanto juvenis, entre outros, sempre apostando na variedade de títulos (HARPERCOLLINS, [2020]).

Além da popularidade das suas publicações, a editora HarperCollins Brasil também é conhecida pela participação em diversas redes sociais. Para esta pesquisa, tratamos da editora no Facebook, cuja página “HarperCollins Brasil” foi criada em 26 de março de 2010, conta atualmente com 166.227 curtidas e um total de 168.251 seguidores. A mesma é utilizada para divulgar lançamentos, ofertas, eventos e interagir com os consumidores. Tal recurso visa proporcionar uma aproximação com o seu público já consolidado e construir a possibilidade de cativar novos leitores por meio desta rede social. Um dos resultados é que em 2018 a

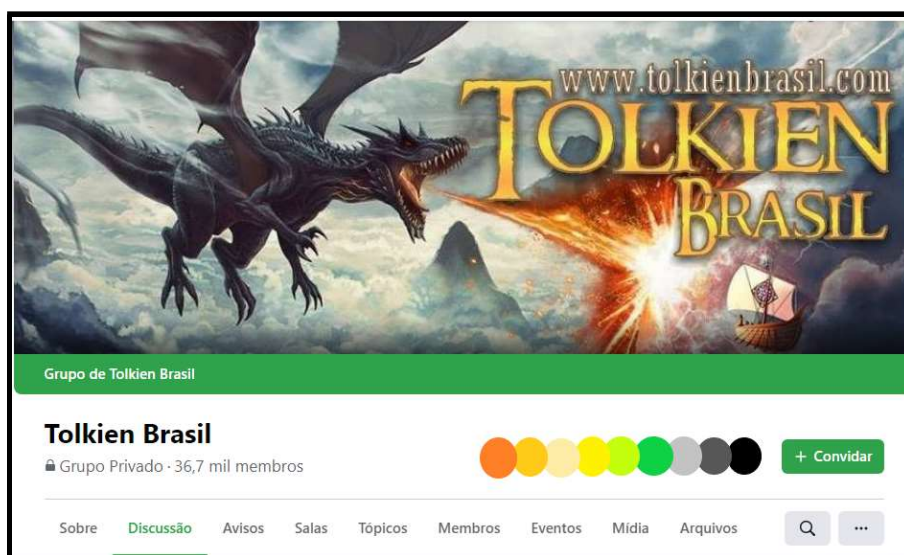
<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.harpercollins.com/pages/worldwide>. Acesso em: 20 ago. 2021.

editora passou a ter os direitos de publicação das obras de Tolkien. Até o momento já foram publicadas treze obras com promessas de que mais estariam por vir (GALILEU, 2018).

Com essas publicações a editora HarperCollins Brasil ganha a oportunidade de aproximar os leitores de obras de fantasia aos seus produtos, em especial, o público já consolidado pelas comunidades de Tolkien na internet. Com as produções encontradas nesses grupos a editora encontra nos fãs fortes aliados nas divulgações de seus livros. Para isso, escolhemos um grupo para ser o nosso objeto de estudo: o Tolkien Brasil, uma das maiores comunidades ativas no Facebook sobre as obras do autor.

Criado no dia 10 de Outubro de 2012 o grupo Tolkien Brasil é derivado do site de mesmo nome e possui um canal no Youtube, perfil no Instagram e uma Fanpage no Facebook - que será o nosso objeto de análise - com 89.006 curtidas e 91.301 seguidores. O grupo possui um total de 36,7 mil membros, dentre eles sete moderadores. (TOLKIEN BRASIL, [2021]).

**Figura 3** - Página inicial do grupo Tolkien Brasil.



**Fonte:** Facebook, 2021.<sup>6</sup>

Sua finalidade é reunir fãs de J. R. R. Tolkien e promover discussões acerca de suas obras e assuntos relacionados, compartilhamentos de imagens, vídeos entre outras mídias a respeito da obra. O grupo contém regras para proporcionar

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/tolkienbrasil>. Acesso em: 20 ago. 2021.



boa convivência e objetividade ao se tratar dos temas encontrados na *timeline* da comunidade, para isso, é sugerido que evitem fazer postagens de assuntos repetidos ou que fujam da proposta estabelecida. (TOLKIEN BRASIL, [2021])

As regras do grupo são amistosas ao se tratar de troca e venda de itens entre os membros (desde que relacionados às obras de Tolkien). Em caso de comercialização, é indicado que aqueles que desejarem fazer os anúncios precisam entrar em contato com o administrador. A comunidade é aberta ao compartilhamento de links referentes às ofertas dos livros de Tolkien em promoção. (TOLKIEN BRASIL, [2021]) Tendo em vista a proposta de publicações do grupo em questão, a seguir trataremos de comunidades e as suas particularidades, partindo desde sua natureza tipos e por fim, apresentando as comunidades de prática.

## 4.2 Comunidades

Para compreendermos o conceito de comunidade devemos considerar as inúmeras discussões a respeito. Para isso, abordamos brevemente algumas posições referentes ao assunto. Geralmente associada a sentidos de cunho social, o conceito não atingiu um consenso entre aqueles que se propuseram a debatê-lo. Segundo o dicionário Michaelis ([2021], *on-line*), o termo comunidade significa: “1. Qualidade ou estado daquilo que é comum a diversos indivíduos; [...] 7. Qualquer conjunto de indivíduos ligados por interesses comuns (culturais, econômicos, políticos, religiosos etc.) que se associam com frequência ou vivem em conjunto.” Assim, reforçando a definição popular. Entretanto, Recuero (2006) destaca que mesmo não havendo unanimidade, o termo sempre aparece associado a três elementos, sendo eles: lugar comum, um interesse compartilhado e por fim, laços sociais, como causa do ponto anterior.

Em concordância com o que foi exposto, Mocellim (2010) destaca que o termo comunidade está para além de meras agremiações, uma vez que elas são caracterizadas por diversos graus de intimidade, vínculos emocionais, coesão social entre outros fatores. Para o autor, o vínculo encontrado em uma comunidade pode ser considerado sólido.

Ao tratarmos dos principais conceitos, Recuero (2006) classifica em dois grupos: aqueles de conceito Utópico, fundamentados a partir de sentimentos, laços, relações cooperativas, entre outros elementos que poderiam caracterizar uma

comunidade ideal. O segundo grupo é denominado Contemporâneo, baseado na escolha pela participação, em laços mais fracos e na simples identificação.

Sobre a comunidade como conceito utópico, Recuero (2006) aponta a presença de um “ideal comunitário” importante para ser tomado por fim, sentido dependente de interação, intimidade e demais laços profundos. Além da ligação entre o indivíduo e sua comunidade desde o seu nascimento, que é mantida por sua vontade e conseqüentemente pela reciprocidade dos demais sujeitos.

Tratando-se de comunidade pelo viés do conceito contemporâneo, nos é apresentada a seguinte afirmação de que (RECUERO, 2006, p. 110):

Haveria, assim, uma transição do sentido do conceito de comunidade, de uma organização social baseada em parentesco, em relações mais orgânicas, para um novo tipo de organização social, voltada para a mobilidade, o aparecimento de grupos mais fluídos e pontuais. Esses novos conceitos, diferenciados dos conceitos utópicos, trabalham com diferentes princípios de coesão entre os seus elementos constituintes, como o contraste entre parentesco e território, sentimentos e interesses.

Com essa visão direcionada para a contemporâneo, percebemos um maior poder de decisão partindo do indivíduo. Assim, tornando suas agremiações fluídas e o termo “comunidade” mais abrangente, assim, dando origem a novas modalidades, sendo uma delas a de prática (RECUERO, 2006).

Em relação às comunidades de prática (CoP), segundo Schmitt e Pacheco (2016) elas são grupos compostos por indivíduos que, no intuito de compartilhar um conhecimento ou dúvidas sobre determinados assuntos, unem-se em alguma situação social onde há afinidade de interesses entre outras questões. Definição que se enquadra na classificação apresentada anteriormente em comunidade contemporânea. Ainda sobre seu conceito Schmitt e Pacheco (2016) apontam a centralidade de sua definição em uma parceria de aprendizagem. Segundo Ipiranga, Faria e Amorim (2008) uma CoP é capaz de agregar muito mais que conteúdos técnicos e habilidades diversificadas, essas comunidades também podem oferecer ao indivíduo um contexto ou um modo de viver.

Nas comunidades de prática é perceptível o potencial de escolha do indivíduo, assim, prevalecendo o relacionamento fluído. Um caráter marcante é a disseminação de conhecimento, onde os participantes possuem um maior apreço pela temática onde a comunidade está centralizada. Ipiranga, Faria e Amorim (2008)

ressaltam que os membros de uma CoP trabalham juntos e além de trocarem informações e impressões, eles influenciam-se mutuamente, estreitando laços.

Entre as suas características, é comum que elas sejam criadas e mantidas sem o conhecimento de organizações, pois segundo Schmitt e Pacheco (2016) sua existência se dá a partir da espontaneidade dos indivíduos, os quais em consenso proporcionam coesão ao grupo de pessoas que agem voluntariamente. Instruindo uns aos outros e trabalhando a partir de novos assuntos pertencentes às temáticas do grupo (SCHMITT; PACHECO, 2016).

Sobre a estrutura encontrada em uma comunidade de prática, Schmitt e Pacheco (2016) ressaltam que elas podem ser presenciais ou virtuais, sendo denominadas Comunidades Virtuais de Prática (VCoPs). Ainda sobre sua composição, os autores explicam que elas contam com três aspectos elementares: a comunidade, referente aos indivíduos que interagem, o domínio, o qual está associado a temática interesse em comum entre os membros, e por fim, a prática, relacionado ao que será executado com especialidade.

Observando o cenário proporcionado pelo uso de redes sociais no Brasil e suas demais funcionalidades, podemos perceber que o mesmo é propício para a realização da mediação da informação e o estabelecimento das VCoPs nessas plataformas. Sendo assim, encontramos neste aspecto uma possibilidade de uso dessa ferramenta por parte de grandes grupos editoriais, entre eles destacamos a HarperCollins Brasil. Para melhor compreensão, a seguir apresentaremos os aspectos metodológicos desta pesquisa, a fim de especificarmos o caminho trilhado na análise do processo de mediação da informação nas postagens sobre as obras de Tolkien no Facebook, tendo como delimitação publicações feitas na página oficial da editora e no grupo Tolkien Brasil.

## 5 METODOLOGIA

Considerando o cenário apresentado até aqui, percebendo as possibilidades de interação nas postagens da página HarperCollins Brasil e as do grupo Tolkien Brasil no Facebook é nítida a necessidade de se explorar a mediação da informação nessas redes sociais. Sendo assim, tratando-se da execução desta investigação foi escolhida a abordagem qualitativa. Segundo Minayo (2009, p. 21), esse tipo de pesquisa “responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes.”

Diferente da abordagem quantitativa que visa compreender comportamentos por meio de dados numéricos, optamos pela escolha da qualitativa tendo em vista que a mesma busca um caráter subjetivo ao especificar os elementos a serem considerados, como motivações, crenças, demais aspirações entre outros fatores variáveis presentes em cada indivíduo.

Tratando-se do tipo de estudo, foi usado o exploratório, pois conforme Gil (2008, p. 27) “[...] têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores.” Em concordância, Lakatos e Marconi (2003) discorrem que pesquisas de nível exploratório são empíricas com o intuito de formular questões ou até mesmo um problema, destacando que elas possuem uma tripla finalidade, sendo elas: o desenvolvimento de hipóteses, o aumento da familiaridade do pesquisador com um ambiente, um fato ou mesmo algum fenômeno, para possibilitar a realização de possíveis pesquisas futuras ou aprimorar determinados conceitos.

Sendo assim, temos por objetivo analisar as interações ocorridas nas publicações da editora HarperCollins Brasil, atual casa publicadora das obras de Tolkien desde o ano de 2018 (GALILEU, 2018) e nas postagens do grupo Tolkien Brasil, ambos no Facebook.

A técnica realizada para análise de dados é a Análise da Conversação (AC) na Comunicação Mediada pelo Computador (CMC). Segundo Recuero (2009) a técnica de AC originou-se durante as décadas de 60 e 70 a partir de estudos nas áreas da Etnometodologia e da Antropologia, com o intuito de alcançar a

compreensão da estrutura da comunicação durante a construção de um discurso entre atores sociais. Ainda se tratando da AC, Marcuschi (2003) demonstra que ela tem por objeto de estudo os processos conversacionais, mantendo o foco no que ocorre no cotidiano do ser humano. Além disso, o autor apresenta a conversação como sendo “uma interação verbal centrada, que se desenvolve durante o tempo em que dois ou mais interlocutores voltam sua atenção visual e cognitiva para uma tarefa comum” (MARCUSCHI, 2003, p. 15). A partir desse aspecto, Recuero (2009) aponta que a AC mantém o foco em conversações tidas como naturais, não se limita apenas aos elementos verbais, mas também considera os entonacionais, paralinguísticos e por fim, os contextuais.

De acordo com Marcuschi (2003) não é necessário que haja uma interação “face a face” para que ocorra uma conversação, e sim que a sua condição seja centrada. Além disso, apresenta que deve haver ao menos dois indivíduos para que o diálogo ocorra em uma troca de turnos, assim, se configurando como conversação, e não como monólogo, sermão ou conferência. Assim, Marcuschi (2003, p. 15) cita cinco características que constituem a conversação, sendo elas:

(a) interação entre pelo menos dois falantes; (b) ocorrência de pelo menos uma troca de falantes; (c) presença de uma sequência de ações coordenadas; (d) execução em uma identidade temporal; (e) envolvimento numa interação ‘centrada’.

As características apresentadas são direcionadas aos atos interlocutórios da fala, uma vez que a execução de uma identidade temporal é possível apenas no espaço da co-presença física. Do mesmo modo, o autor ressalta que ao iniciar uma interação haverá um objetivo/tema definido e sujeitos participantes em acordo com relação ao tratamento do assunto em questão (MARCUSCHI, 2003). Entretanto, assim como o autor exemplifica com a possibilidade de uma identidade temporal durante uma conversação via telefone, também podemos encontrá-la em conversações ocorridas em plataformas digitais como as redes sociais.

Segundo Recuero (2009) mesmo que a conversação possa ser percebida de imediato enquanto uma prática falada, especialmente de forma oral, podemos perceber que ela também pode ocorrer por intermédio da mediação. A autora afirma que esse processo quando ocorre por meio da internet é capaz de gerar conversações classificadas como do tipo síncrono.

Ocorrendo entre indivíduos por intermédio de um computador, a CMC proporciona que os atores se apropriem da linguagem e dos contextos usados durante a comunicação nesses ambientes virtuais como fatores referentes à construção de identidade. Além disso, a CMC embora possa facilitar o distanciamento físico, ela também proporciona um modelo de comunicação que se assemelha ao “face a face” abordado anteriormente por Marcuschi. A Conversação Mediada por Computador também permite que seu desenvolvimento seja hipermídia, que as interações possam ser acessadas fora do período em que foram emitidas, assim, podendo ser compreendida como síncrona ou assíncrona (RECUERO, 2009).

Nesta pesquisa analisaremos as interações ocorridas entre a página da editora HarperCollins Brasil e seus seguidores, e entre leitores nas postagens no grupo Tolkien Brasil, ambas no Facebook. A análise de conversações ocorrerá a partir de publicações que apresentem diálogos, onde seja possível identificar características de mediação da HarperCollins com seus seguidores, e no segundo caso, entre os membros do grupo.

As postagens em questão serão referentes ao conteúdo dos livros, indo desde fotos de coleções, anúncios de lançamentos, trechos de obras de Tolkien ou curiosidades. Tendo em vista o imenso fluxo de conteúdo gerado em redes sociais e os novos lançamentos da editora, foi escolhido um período atual para a coleta de dados, sendo ele referente aos primeiros seis meses de 2021. Considerando a diversidade de obras publicadas pela HarperCollins, serão escolhidas postagens unicamente sobre as de Tolkien, que estejam entre o período delimitado, e, por sua quantidade de comentários, para que a análise possa ser realizada. Tendo em vista essa breve apresentação, na próxima seção realizamos a análise das postagens e apresentamos a discussão dos dados obtidos.

## 6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Para realização desta pesquisa analisamos conversas entre a página da editora HarperCollins Brasil e seus seguidores, assim como entre membros do grupo Tolkien Brasil em postagens de sua comunidade. Como a metodologia deste trabalho é de abordagem qualitativa e de nível exploratório, utilizaremos para a análise dos dados a técnica da Conversação Mediada por Computador (CMC), tendo em vista que a mesma centraliza-se no estudo dos processos de comunicação em plataformas digitais.

Conforme apresentado até aqui, com o crescimento do acesso às redes sociais, esses ambientes passaram a reunir um maior fluxo de produção de conteúdo graças à facilidade de acesso e produção, em especial nas comunidades de prática (CoP). Com isso, torna-se perceptível a necessidade de mediação da informação em alguns ambientes na internet. Para isso, nossa pesquisa aborda uma comunidade voltada para Tolkien e suas contribuições, tendo em vista que suas obras estão sendo republicadas pela editora HarperCollins Brasil desde o ano de 2018 (GALILEU, 2018), o que tem movimentado as comunidades focadas nas produções do autor, onde existem conversações, trocas de informação sobre o conteúdo entre outras interações.

Considerando as informações apresentadas anteriormente, para realizarmos a análise e discussão dos dados coletados, foram escolhidas seis publicações, sendo três delas feitas na página da editora HarperCollins Brasil no Facebook e as outras publicadas por usuários no grupo Tolkien Brasil na mesma rede social. Escolhemos postagens da atualidade para realizarmos a coleta de dados, compreendendo os primeiros seis meses de 2021, a fim de abranger as publicações referentes às novas obras e as práticas de mediação da editora na plataforma em questão, assim como na comunidade Tolkien Brasil, tendo em vista que o Facebook é considerada uma rede social propícia para a disseminação de informação nas mais diversas mídias, utilizada por indivíduos, empresas etc. Como regra de escolha, definimos que as publicações escolhidas levariam em conta as que apresentarem maior número de interações em seus comentários. As publicações em questão foram obtidas por meio do recurso de print screen. Abaixo, no Quadro 1, representamos o material coletado.

**Quadro 1** - Material coletado.

Material obtido	
Local	Quantidade de publicações coletadas
Página HarperCollins Brasil	03
Grupo Tolkien Brasil	03

**Fonte:** Elaborado pelo autor.

Observando a página oficial da editora, em 2021 foram feitas 128 publicações desde o dia 01 de janeiro até 30 de junho, com apenas oito destas postagens referentes às produções do autor, sendo elas: anúncios de lançamentos, imagens promocionais de obras já publicadas e publicações de perfis parceiros que haviam realizado resenhas. A presença desta terceira categoria nos forneceu informações importantes sobre a composição do conteúdo apresentado na página da editora, uma vez que essas publicações não são originalmente da HarperCollins Brasil, assim, tratando-se de um “repost”. A partir dessas postagens, podemos encontrar elementos que momentaneamente direcionaram nossos olhares para outra plataforma: o Instagram. Para melhor contextualização dessa observação, a seguir apresentamos alguns detalhes da página da editora na Figura 4.

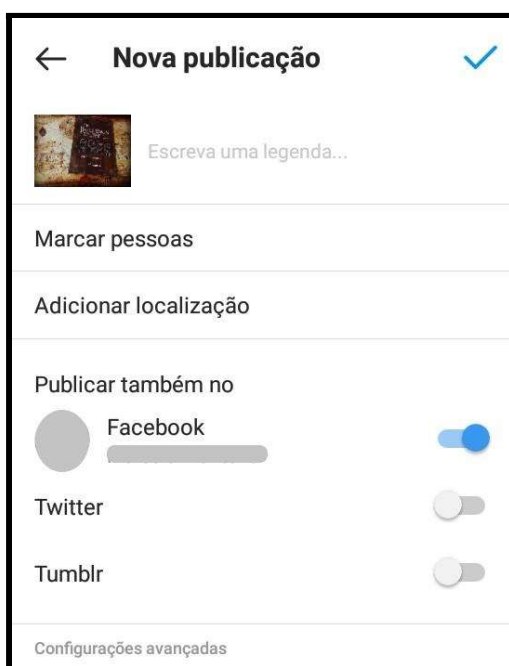
**Figura 4** - Perfil da editora HarperCollins Brasil no Instagram.

**Fonte:** Instagram, 2021.



A prática de repostar seguida da identificação de seu autor por meio do “@” e nome de usuário são elementos dessa rede social, que pode funcionar de maneira integrada ao Facebook, tendo em vista que a menção de páginas e perfis nesta segunda são identificados a partir do nome destacado em negrito. As duas plataformas possibilitam conexão. Logo, segundo o Facebook ([2021]) ao publicarmos algo no Instagram é possível espelhar a postagem na outra rede social, tal como o conteúdo foi construído, incluindo sua descrição, emojis e hashtags.

**Figura 5** - Instagram: opções de publicação cruzada.



**Fonte:** Instagram, 2021.

Conforme apresentado na Figura 5 podemos perceber que o Instagram oferece algumas opções para complementar as suas postagens, como a possibilidade de adicionar uma legenda, marcar outros usuários, adicionar alguma localização e por fim, também nos fornece a alternativa de realizar a mesma publicação simultaneamente em outras redes sociais, como no Facebook, Twitter e o Tumblr. Com base nessas informações podemos observar alguns detalhes em comum, em determinadas postagens no perfil do Instagram da HarperCollins Brasil, e em sua página contida na plataforma de nossa análise. Para isso, tomamos por exemplo uma postagem aleatória que apresenta as características de uma publicação simultânea, como podemos observar na Figura 6:

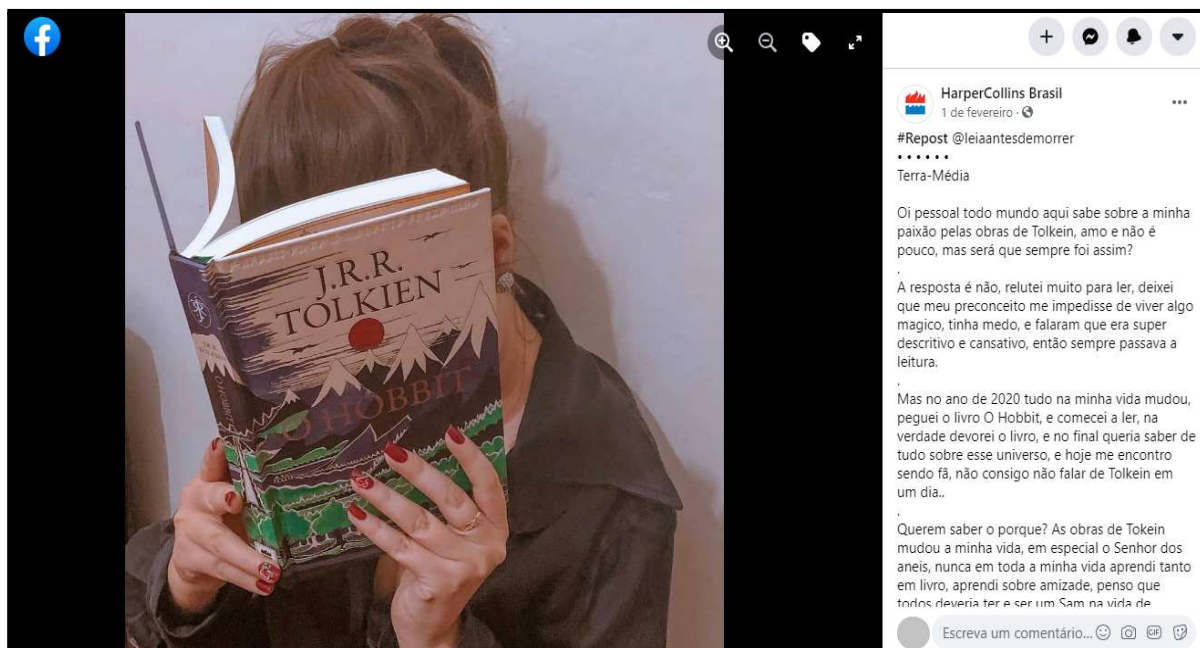
Figura 6 - Instagram: #Repost do perfil @leiaantesdemorrer.



Fonte: Instagram, 2021.

Na figura acima podemos ver como exemplo uma publicação realizada no perfil do Instagram da editora HarperCollins Brasil, a postagem trata-se de um repost, conforme é informado pela descrição da mesma. O conteúdo datado do dia 01 de fevereiro de 2021 nos apresenta um relato da autora do perfil literário @leiaantesdemorrer, onde ela narra sua experiência em como tornou-se uma fã de Tolkien e suas obras. A imagem que contém a autora segurando o livro “O Hobbit” acompanha o texto, o nome do usuário e as hashtags. Logo abaixo podemos observar a mesma publicação sendo postada na página da editora no Facebook:

Figura 7 - Facebook: #Repost do perfil @leiaantesdemorrer.



Fonte: Facebook, 2021.

Na Figura 7 vemos o exemplo de uma publicação simultânea, nela podemos observar a mesma data e os mesmos elementos contidos na imagem anterior. Entretanto, a configuração da menção ao usuário autor da postagem original segue o modelo pertencente ao Instagram, o que indica uma possibilidade deste modo de compartilhamento.

Observando essa outra plataforma é perceptível um maior número de publicações referentes às obras de Tolkien em comparação à quantidade total presente na página da editora no Facebook durante o período delimitado, sendo apenas oito postagens nesta e 426 no perfil do Instagram, onde encontramos 49 publicações que envolvem o autor, sejam eles anúncios, resenhas e movimentos como o Tolkien Reading Day (Dia de Ler Tolkien). Neste ano, algumas obras do autor foram publicadas e seus anúncios ganharam espaço na segunda rede social mencionada. Entretanto, todo este material promocional não foi repostado na página, resultando na quantidade de publicações apresentadas anteriormente. Assim, tomamos por exemplo a imagem a seguir:

**Figura 8** - Novidade no Instagram: publicação ausente do Facebook.



Fonte: Instagram, 2021.

Conforme apresentado na Figura 8 podemos observar o anúncio de uma obra ainda em pré-venda. Trata-se de uma versão comentada do livro “O Hobbit”. A publicação data do dia 18 de Junho de 2021 e a mesma não consta na página da editora no Facebook. Logo, podemos perceber que apesar de apresentar posts relativamente atuais, existem outros que também estão ausentes. Assim, tornando nítido o cenário apresentado anteriormente, onde a nossa pesquisa será ambientada.

Já a Figura 9 trata-se de uma publicação do dia 16 de janeiro de 2021, apresentando um anúncio de pré-venda da obra “Roverando”. A postagem conta com 19 reações, 51 comentários e 17 compartilhamentos. A mesma acompanha a seguinte descrição: “Roverando inaugura uma linha de livros de J. R. R. Tolkien, agora em formato pocket e com capa dura, que fará conjunto com futuros lançamentos de 2021. No miolo, além da linda história do cachorrinho andador, nadador e voador, temos lindas ilustrações originais do Professor Tolkien.”

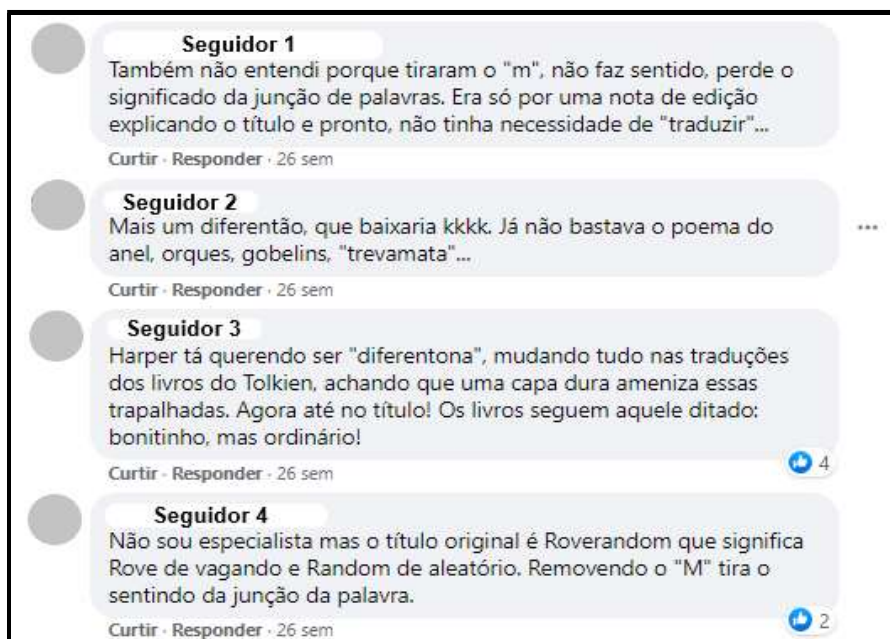
Figura 9 - Publicação 01: "Roverando inaugura uma linha de livros de Tolkien".



Fonte: Facebook, 2021.

Nesta publicação, selecionamos os comentários que foram considerados mais relevantes para nossa análise, como pode ser observado logo abaixo na Figura 10, onde apresentamos os questionamentos dos seguidores que demonstram sua insatisfação em relação a tradução do título da obra em questão exemplificada na figura 9 e demais traduções dos livros de Tolkien.

**Figura 10** - Comentários de seguidores questionando a tradução do título.

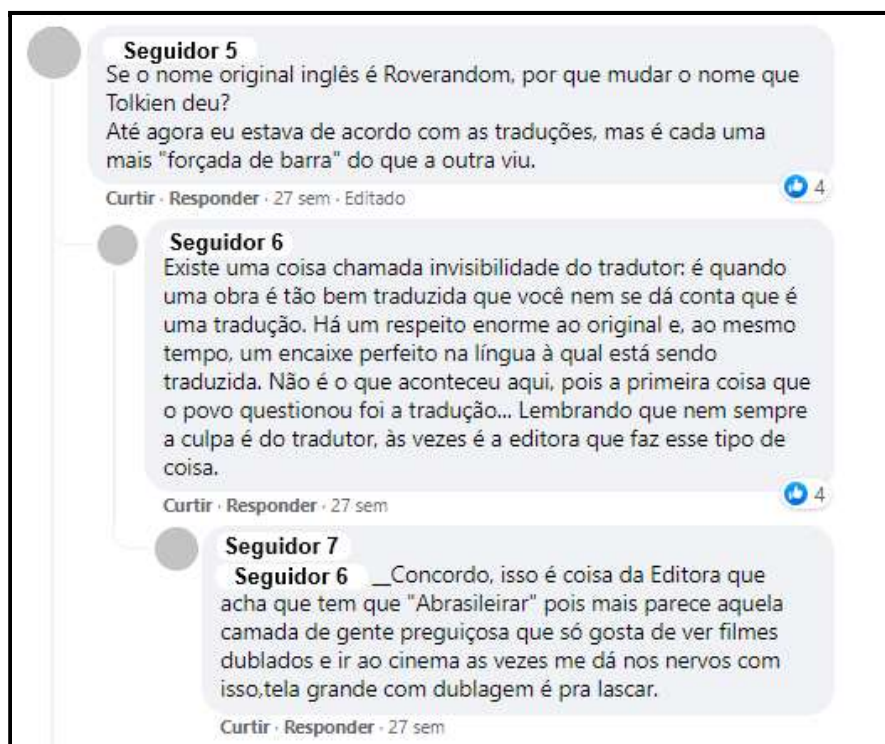


Fonte: Facebook, 2021.

Com base no teor dos comentários apresentados na Figura 10, podemos perceber que por se tratar de uma obra ainda em pré-venda, os seguidores já demonstram um certo grau de familiaridade com o livro que está para ser lançado, uma vez que questionam a qualidade da tradução do título do produto ao apontar o real sentido da construção de seu nome. Além destas observações, alguns usuários apresentam insatisfações em relação a elementos traduzidos de outras obras de Tolkien também publicadas pela HarperCollins Brasil, como os termos “orques”, “gobelins”, “trevamata” e o poema do anel, conforme apontado por outro seguidor. Nota-se a ausência de conversação entre esses clientes em potencial e a editora. A página não inicia, logo, não desenvolve um processo dialógico com os usuários a fim de aproximar suas ideias, conforme discutido por Gomes (2014) e não age como uma intermediária, descumprindo o propósito de conectar os sujeitos às informações que eles almejam, como abordado por Souto (2008).

Na imagem a seguir (Figura 11) apresentamos comentários dos seguidores onde os mesmos apresentam mais questionamentos a respeito do título da obra em questão e interagem com outros usuários.

**Figura 11** - Seguidores questionam e interagem a respeito da tradução.



**Fonte:** Facebook, 2021.

É perceptível o descontentamento dos seguidores em relação à tradução do título da obra. Podemos observar na Figura 11 que após expressarem suas indagações, os usuários interagem entre si em concordância com as afirmações expostas pelos mesmos, conforme apresentado por Recuero (2009) ao discorrer a respeito dos atores e conexões que compõem uma rede social, sendo o segundo elemento relevante para que haja apreensão das informações, assim, gerando os "rastros sociais". Entretanto, a página da editora HarperCollins Brasil não se faz presente nos comentários, o que a princípio não descartaria o processo de mediação da informação, uma vez que é possível que essa ação ocorra mesmo sem a interação direta da página, como discutido por Souto (2010) em conformidade com o que é exposto por Davallon (2003) ao tratar da Mediação Midiática cujo intuito é trabalhar na mídia, apenas promovendo a informação por meio da escrita. Porém, é notável que as demandas dos envolvidos não são supridas.

Na Figura 12 temos uma repostagem do conteúdo do perfil @booksjhe. Publicada no dia 20 de Janeiro de 2021, a imagem de uma coleção conta com 153 reações, 35 comentários e quatro compartilhamentos. A mesma apresenta a

seguinte descrição: “Essa coleção é linda demais, né? E vem muito mais por aí. Estão prontos para dar uma olhada em um lançamento incrível de fantasia que saiu lá na @thomasnelsonbrasil? Fiquem de olho aqui no feed. #Repost @booksjhe”.

**Figura 12** - Publicação 02: “Essa coleção é linda demais, né?”.



Fonte: Facebook, 2021.

Nesta publicação observamos algumas interações relevantes para a nossa análise, entre elas identificamos uma tentativa de mediação entre a página da editora e seu seguidor, conforme pode ser observado logo mais na figura abaixo:



**Figura 13** - Um seguidor reivindica material promocional.




Fonte: Facebook, 2021.

Observando a Figura 13 podemos perceber a presença de uma interação entre o seguidor e a página da editora. Nela o usuário em questão apresenta sua reivindicação em relação à ausência de um material promocional, que deveria acompanhar as obras adquiridas pelo mesmo. Dentro deste caso, a HarperCollins Brasil respondeu prontamente notificando que já haviam entrado em contato via e-mail, afirmação logo confirmada pelo seguidor no terceiro comentário. Observando essas interações podemos identificar um dos elementos apontados por Souto (2010) ao citar os fatores necessários para que haja a mediação da informação, entre eles o foco na necessidade do usuário que em complemento ao que foi exposto por Almeida Júnior e Bortolin (2007), cabe ao mediador conduzir o usuário em seus anseios informacionais. Assim, construindo um espaço apropriado para atender a essas demandas.

Na Figura 14 identificamos conversações entre os usuários a respeito de futuros lançamentos prometidos pela editora, onde um dos seguidores comenta inserindo uma imagem promocional da HarperCollins Brasil onde ela comunica a publicação de duas obras com títulos ainda não divulgados.

Figura 14 - Seguidores conversam a respeito de lançamentos.

**Seguidor 2**  
quero ver estas surpresas ;3



Curtir · Responder · 27 sem 9

**Seguidor 3**  
**Seguidor 2** rezando pra ser HOME!!!!!!

Curtir · Responder · 27 sem 1

**Seguidor 4**  
**Seguidor 3** pode ser. Mas o texto da postagem original falava que seria uma surpresa "para colecionadores".  
Tipo, eu sei que a História da Terra-média é uma coletânea, e que todos nós (em diferentes graus de profundidade) somos colecionadores. Mas o fato de eles deixarem ESCRITO que essas surpresas seriam para colecionadores... me faz pensar em edições novas de livros já publicados.  
Vamos ter que esperar pra ver.  
ps.: como não sei deixar uma palavra em negrito aqui, deixei em letras maiúsculas meramente pra destaque

Curtir · Responder · 27 sem 1

**Seguidor 3**  
**Seguidor 4** sim mano e tenho fato do Chsitopher só ter liberado o lançamento apenas dos 12 volumes de uma vez só (motivo pelo qual a Martins Fontes nunca fechou)... Mas a esperança é a última q morre né kkkk

Curtir · Responder · 27 sem 1

**Seguidor 5**  
**Seguidor 4** acredito que um será o Livro do John Garth que virá pro Brasil e que o Ronald Kyrms está trabalhando com ele, já que foi confirmado que será lançado ainda esse ano.

Curtir · Responder · 27 sem 1

**Seguidor 4**  
**Seguidor 5** É uma possibilidade

Curtir · Responder · 27 sem 1

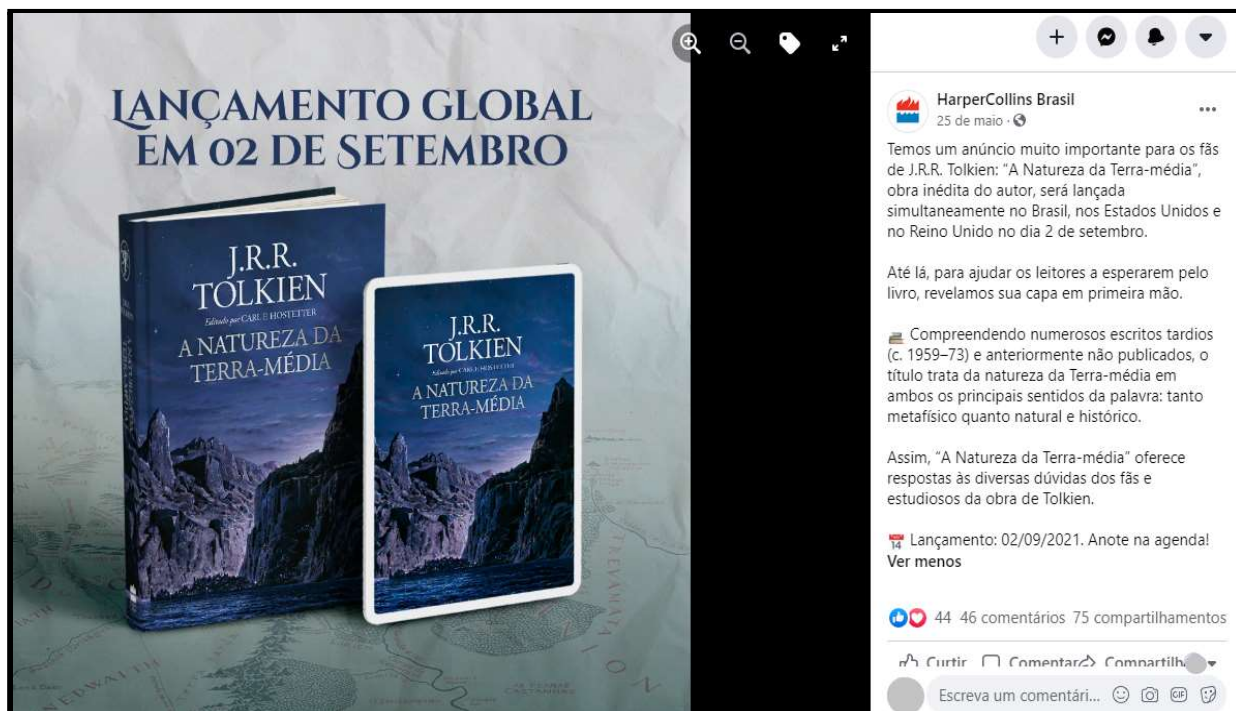
Fonte: Facebook, 2021.

Podemos perceber na figura acima que alguns seguidores especulam a respeito dos futuros lançamentos da editora. A partir do comentário em formato de imagem, uma conversação assíncrona se desenvolve apontando possíveis títulos que poderiam ser publicados pela editora. Na postagem observa-se que quatro seguidores discutem e chegam a um consenso em relação ao assunto. Entretanto, a página da HarperCollins não participa dessa conversação, não interferindo no

processo como apresentado por Silva e Silva (2013), assim, aproximando-se da mediação implícita, como discutido por Almeida Júnior e Bortolin (2007), onde a apontam como uma modalidade relacionada às atividades meio, uma vez que as interações foram motivadas pelo teor da publicação em questão. Mesmo com este viés, a editora não desenvolve um processo dialógico com seus seguidores, como abordado por Gomes (2014). Por fim, não aprofunda sua relação com seus possíveis clientes e nem corresponde aos seus anseios informacionais.

Logo abaixo na Figura 15 temos o anúncio do lançamento de uma obra inédita. A publicação foi postada no dia 25 de Maio e conta com 44 reações, 46 comentários e 75 compartilhamentos. A postagem apresenta a seguinte descrição: “Temos um anúncio muito importante para os fãs de J.R.R. Tolkien: ‘A Natureza da Terra-média’, obra inédita do autor, será lançada simultaneamente no Brasil, nos Estados Unidos e no Reino Unido no dia 2 de setembro. Até lá, para ajudar os leitores a esperarem pelo livro, revelamos sua capa em primeira mão. Compreendendo numerosos escritos tardios (c. 1959–73) e anteriormente não publicados, o título trata da natureza da Terra-média em ambos os principais sentidos da palavra: tanto metafísico quanto natural e histórico. Assim, ‘A Natureza da Terra-média’ oferece respostas às diversas dúvidas dos fãs e estudiosos da obra de Tolkien. Lançamento: 02/09/2021. Anote na agenda!”.

Figura 15 - Publicação 03: “Lançamento global: A Natureza da Terra-média”.



Fonte: Facebook, 2021.

Por se tratar do lançamento de uma obra inédita, encontramos mais conversações a respeito da publicação e analisaremos as interações de maior relevância para nossa pesquisa. Nela diversos seguidores demonstraram dúvidas em relação ao conteúdo da obra, bem como onde a mesma se encaixa na ordem de leitura das demais publicações de Tolkien. Logo abaixo, na Figura 16 podemos observar uma conversação onde um seguidor expressa sua dúvida quanto ao conteúdo do novo livro.

**Figura 16** - Dúvidas quanto ao conteúdo da obra anunciada.



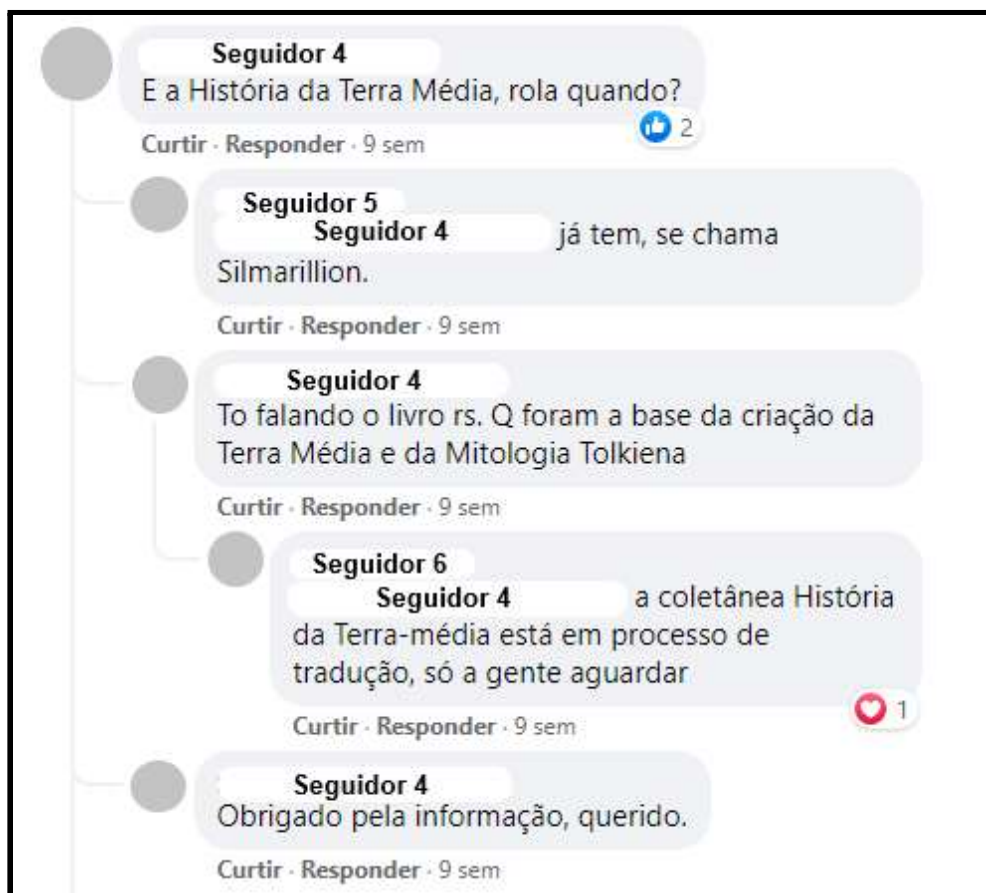
**Fonte:** Facebook, 2021.

Na conversação acima percebemos uma interação entre seguidores, onde o primeiro apresenta sua dúvida quanto ao assunto abordado no livro. Logo em seguida, outros dois unem-se em um diálogo assíncrono, onde um segundo usuário apresenta sua compreensão de qual seria o teor do conteúdo da obra e surge um terceiro seguidor indicando um link do Youtube para o vídeo do canal Tolkien Talk, a fim de esclarecer as indagações a respeito da publicação em questão.

Embora possamos perceber a presença de rastros sociais na publicação, como tratado por Recuero (2009), nela não encontramos a participação da editora. Assim, não contribuindo com o processo de busca pela informação por parte de seus seguidores, como apontado por Souto (2008) ao tratar da função do intermediário, que nesta situação atuaria como conector entre o sujeito informacional e seus anseios. Neste caso, esse papel foi suprido por outros seguidores que além de responderem a dúvida do usuário, também o direcionaram para outra plataforma via link.

O fato de ser uma publicação inédita gerou indagações em relação ao lançamento de outras obras de Tolkien, como pode ser observado na Figura 17.

**Figura 17** - Dúvidas sobre um lançamento.



**Fonte:** Facebook, 2021.

Na figura acima podemos perceber que a situação presente na conversação anterior ainda permanece. Nesta, um seguidor indaga a respeito da possibilidade do lançamento de uma coleção focada na história da Terra-média. Entretanto, um segundo usuário apresenta uma informação equivocada como resposta, que por sua vez, logo é corrigida por outro perfil. Em seguida, uma terceira pessoa se une ao diálogo e apresenta detalhes mais precisos quanto aos detalhes da publicação. Apontando que a coletânea encontra-se em processo de tradução. Podemos identificar o que foi exposto por Nunes e Cavalcante (2017) ao demonstrarem que a mediação está ligada à apropriação, em especial, estando associada à mudança de compreensão, em concordância com o que é apresentado por Silva e Silva (2013). Mais uma vez a página da editora não participa dessa relação dialógica.

**Figura 18** - Dúvida sobre ordem de leitura.



Fonte: Facebook, 2021.

Uma das questões que despertam o interesse do público de Tolkien é a noção de que suas obras são interligadas. Logo, para obter melhor compreensão de determinadas produções, antes torna-se necessário conhecer outras publicações do autor. A Figura 18 nos apresenta uma conversação que demonstra essa realidade. Nela, podemos observar um seguidor perguntar se a leitura da obra em questão pode ocorrer antes de conhecer “O Silmarillion”. A indagação foi respondida por Ronald Kyrmse, um dos tradutores da publicação anunciada, que por sua vez não orienta a realização da leitura nesta ordem, considerando que “A natureza da Terra-média” possa abordar informações mais complexas que para serem compreendidas carecem de um certo grau de conhecimento do universo de Tolkien. Conforme observado, a situação presente nas conversações anteriores tem permanecido. Uma necessidade informacional é exposta por um seguidor e o mesmo não encontra uma colaboração dialógica por parte da página da editora, como aspecto essencial tratado por Gomes (2014). Por sua vez, tem seus anseios respondidos por outro usuário que atua como um intermediário e o conecta à informação desejada, questão importante exposta por Souto (2008). Além de ter suas demandas supridas, aquele que executa a intermediação o faz segundo as necessidades do sujeito informacional considerando suas singularidades - o conhecimento da existência de uma ordem de leitura, mas ressaltando a ausência

de afinidade com o conteúdo de *O Silmarillion* - e sua capacidade cognitiva, como abordado por Souto (2010). Por fim, percebemos que a interferência e a apropriação da informação, elementos destacados por Silva e Silva (2013) como importantes para a mediação, que não ocorrem por intermédio da moderação da página da editora HarperCollins Brasil.


Observando as interações entre usuários nas postagens apresentadas anteriormente, a seguir analisamos as práticas de mediação da informação em publicações no grupo Tolkien Brasil. Nos seis primeiros meses de 2021 foram feitos 335 posts, sendo 78 relacionados diretamente às obras (sobre os trechos de livros, traduções, dúvidas quanto ao enredo e ordens de leitura, antigas e novas edições, personagens etc). Podemos perceber que o caráter de promoção de discussões na comunidade, a centralidade do tema focado nas obras do mesmo autor entre outros fatores nos leva ao segundo conceito de grupo dado por Recuero (2006), sendo ele o Contemporâneo, o qual seus membros escolhem participar e um dos fatores importantes é a simples identificação.

Além disso, podemos identificar elementos que caracterizam o grupo como uma Comunidade de Prática (CoP), conforme aspectos apontados por Schmitt e Pacheco (2016), sendo eles: a união de indivíduos motivados por um mesmo interesse (Obras de Tolkien e derivados), as ações de compartilhamento de informações e sua centralidade em parcerias de aprendizagem (Discussões e trocas de experiências). Em complemento ao que foi abordado até aqui, Ipiranga, Faria e Amorim (2008) destacam que nas ações desenvolvidas em CoPs os membros se influenciam mutuamente. Segundo Schmitt e Pacheco (2016) a comunidade em questão trata-se de uma do tipo Virtual, criada e consolidada sem a influência de organizações, uma vez que seu conteúdo é produzido pelos usuários.

Na imagem a seguir veremos uma clara demonstração de troca de impressões, onde os membros do grupo exercem influência no aprendizado mútuo, conforme abordado por Ipiranga, Faria e Amorim (2008).



Figura 19 - Tolkien Brasil: Publicação 01 - Uma discussão sobre Tom Bombadil.



**Usuário 1**  
9 de março · 🌐


...

Estava hoje relendo "O Senhor dos Anéis", como faço todo ano, mas essas partes sobre Tom Bombadil, me despertaram a atenção, no Conselho de Elrond, ele é mencionado e começam a descrevê-lo, fiquei com a sensação de não saber a que raça ele pertence, se um Valar disfarçado um Maiar ou até mesmo Ainur Superior, enfim, gostaria de compartilhar e ouvir a opinião de vocês, as partes que me saltaram aos olhos estão em CAIXA ALTA:



Elrond: "Houve um tempo em que um esquilo podia ir, de árvore em árvore, da região que agora é o Condado até a Terra Parda, a Oeste de Isengard. Viajei por aquelas terras uma vez, e conheci muitas coisas estranhas e selvagens. Mas tinha me esquecido de Bombadil, se é que esse é o mesmo que caminhava nas florestas e colinas há muito tempo, e mesmo NAQUELA ÉPOCA ELE ERA MAIS VELHO QUE OS VELHOS. Nesse tempo, tinha outro nome. Chamavam-no de Iarwain Benadar, o mais antigo e sem pai. Mas outros nomes lhe foram dados por vários povos: Forn pelos anões, Orald pelos homens do Norte, e outros nomes além desses. É uma criatura estranha, mas talvez devesse tê-lo chamado para o Conselho."

Gandalf: "ELE É SEU PRÓPRIO SENHOR. Mas não pode alterar o próprio Anel, nem desfazer o poder deste sobre os outros. E agora se retirou para uma região pequena, dentro de limites que ele mesmo fixou, embora ninguém consiga enxergá-los, talvez esperando uma mudança dos dias, e não sai dali."

Glofindel: "Não poderíamos levar lhe o Anel sem que isso fosse objeto de suspeita ou observação de algum espião. E, mesmo que pudéssemos, mais cedo ou mais tarde o Senhor dos Anéis saberia do esconderijo, e avançaria com todo o seu poder naquela direção. PODERIA ESSE PODER SER DESAFIADO POR BOMBADIL SOZINHO? ACHO QUE NÃO. ACHO QUE, NO FIM, SE TODO O RESTO FOR CONQUISTADO, BOMBADIL SUCUMBIRÁ, VINDO A SER O ÚLTIMO, DA MESMA FORMA COMO FOI O PRIMEIRO; E ENTÃO A NOITE VIRÁ."



©2019 Fantasy Flight Games. All rights reserved.

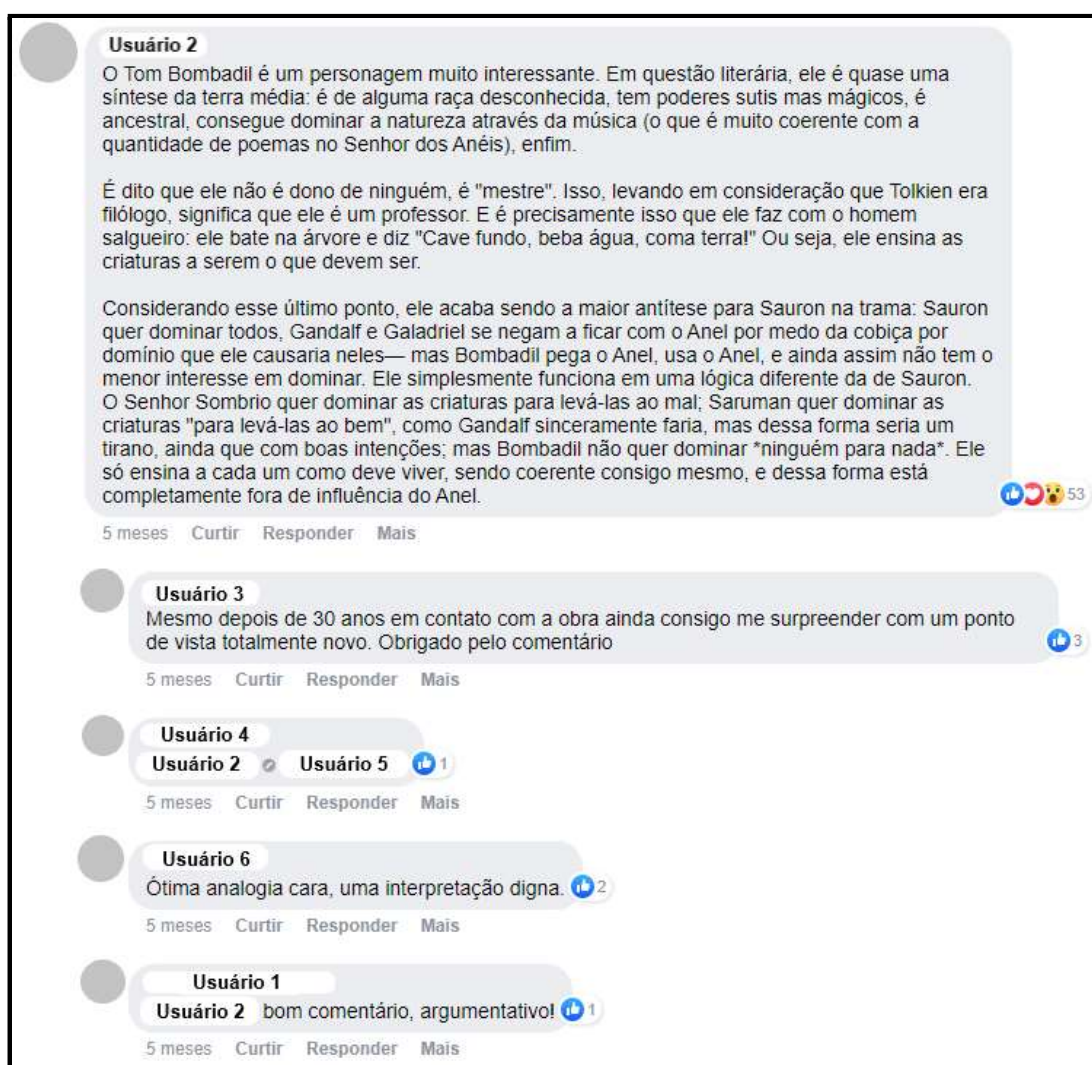


207

79 comentários

Fonte: Facebook, 2021.

Na Figura 19 temos uma publicação realizada no dia 9 de março de 2021. Nela um usuário narra que durante uma de suas leituras de “O Senhor dos anéis” alguns trechos referentes ao personagem Tom Bombadil despertaram a sua atenção em relação à natureza do mesmo. Após apresentar uma sequência de citações, o perfil propõe uma discussão a respeito do assunto. A postagem conta com 207 reações e 79 comentários. A seguir analisaremos as conversações que apresentaram maior relevância.

**Figura 20** - Percepção a respeito do personagem.



**Fonte:** Facebook, 2021.

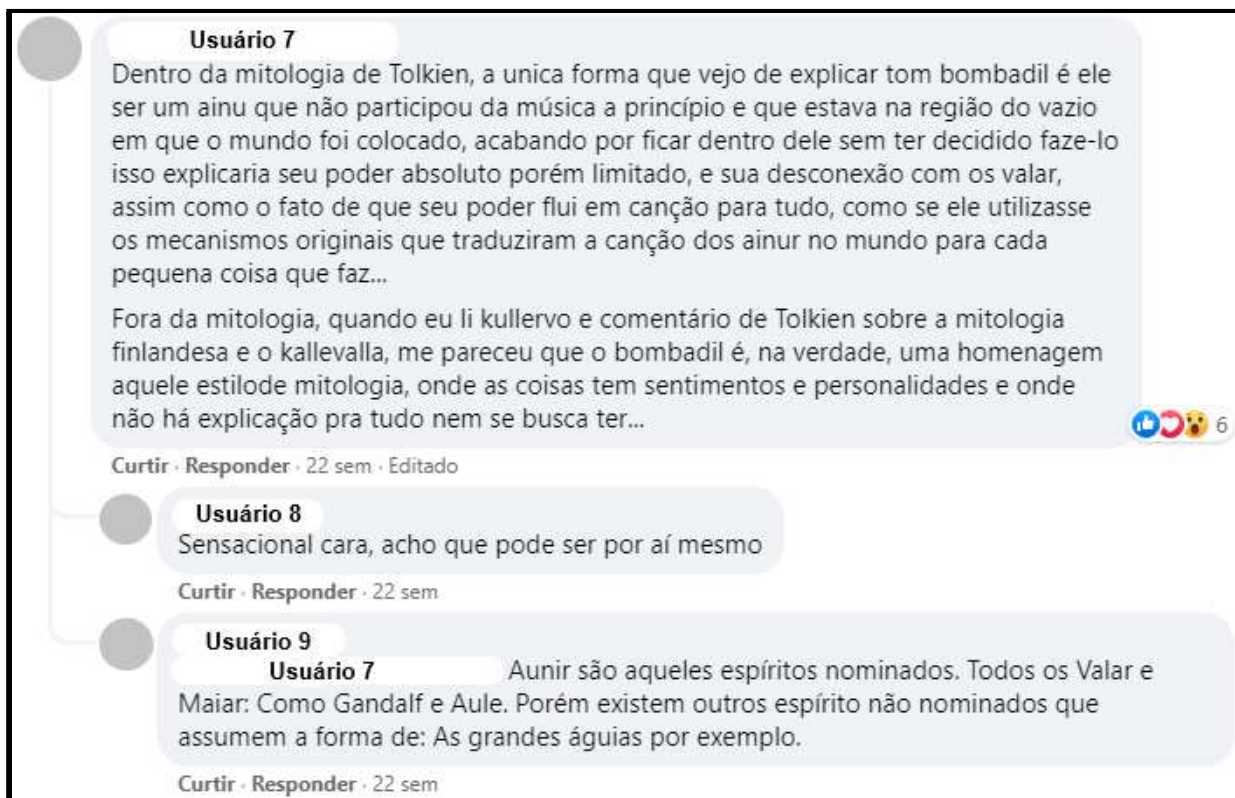
Podemos perceber na imagem acima o desenvolvimento de uma conversação onde um usuário expõe suas percepções quanto ao personagem proposto na postagem. Para isso, o ele apresenta sua compreensão em três

momentos: como primeiro, disserta a respeito de Tom Bombadil ao tratar de sua natureza (Raça, poderes e ancestralidade), em segundo ponto aborda características do autor, a fim de trazer sentido em determinadas afirmações, como a vertente do termo “mestre” e sua relação com as criaturas da obra. Por fim, em um terceiro momento o perfil apresenta a síntese de sua ideia, contextualizando e apontando uma possível resposta. Em seguida, outros usuários agradecem por sua participação, tendo em vista que sua compreensão agregou novas visões à discussão.

Na Figura 20 é notória a utilização de uma estrutura argumentativa que facilite a compreensão, semelhante ao que foi proposto por Davallon (2003) ao tratar do papel facilitador presente na comunicação, sendo nítida a passagem da mensagem para um estado compreensível ao entendimento de outros usuários. A ideia exposta está em conformidade com o processo de apropriação discorrido por Souto (2010), que aponta um fator importante para que a mediação ocorra, sendo ele o foco na necessidade do usuário, o que é nítido ao avaliarmos a postagem e o comentário em questão, onde podemos perceber por meio das interações a presença de elogios, concordâncias e marcações, onde um perfil menciona outros para que também possam ver a explicação. A interação e a apropriação das informações apresentadas podem ser percebidas por meio da ideia de interferência que por sua vez resultou na mudança de visão dos indivíduos, algo discutido por Nunes e Cavalcante (2017) e que pode ser evidenciado no comentário do usuário 3, que além de apontar o tempo de contato que tem com a obra, também demonstra surpresa com a nova perspectiva.

A seguir, veremos uma outra conversação onde um integrante ao apresentar sua compreensão a respeito do personagem Tom Bombadil, faz uso de comparação com outra obra de Tolkien a fim de extrair sua essência e fundamentar sua fala. Diferente da Figura 20, nesta encontraremos um outro modo de interação, que por sua vez aponta a dinâmica presente em comunidades de prática.

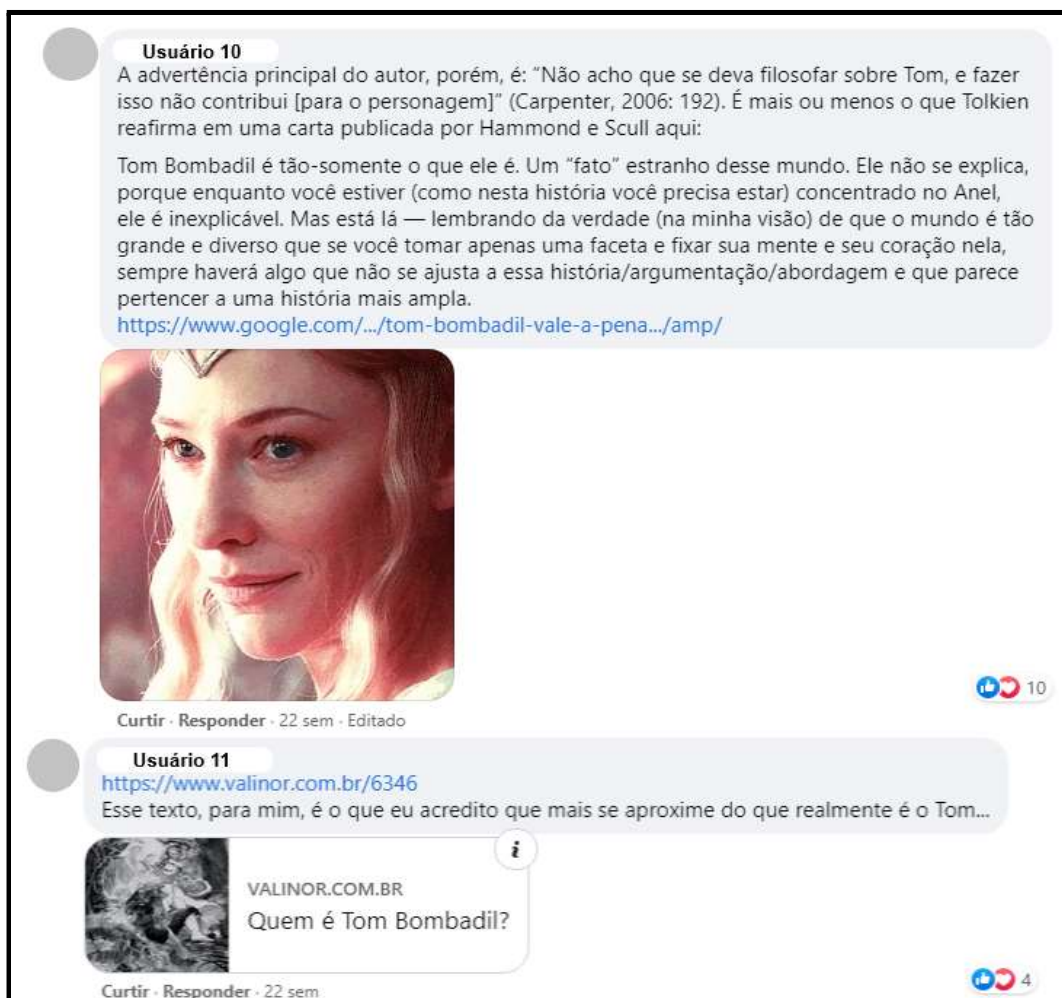
**Figura 21** - Usuário apresenta possível relação de personagem com outra obra.



Fonte: Facebook, 2021.

Na Figura 21 podemos observar o comentário de um usuário, que para argumentar a respeito do personagem Tom Bombadil, recorre à mitologia criada por Tolkien presente na obra “O Silmarillion”. Além dessa proposta, o seguidor também aponta uma possível relação que o mesmo observou ao ler “A história de Kullervo”, assim, categorizando o objeto da discussão como uma “homenagem” ao estilo de mitologia presente na obra em questão. Em seguida, dois integrantes interagem com seu comentário. O primeiro expressa concordância e o segundo complementa sua fala, dando mais detalhes em relação a outros personagens mencionados. Assim, exemplificando, por meio da discussão, uma parceria de aprendizagem, conforme tratado por Schmitt e Pacheco (2016) e corroborando com o que é exposto por Ipiranga, Faria e Amorim (2008) ao apontar o trabalho conjunto elaborado por membros de comunidades de prática, trocas de informações, impressões etc. A conversa também é marcada por uma relação dialógica, que segundo Gomes (2014) apresenta colaboração entre as partes envolvidas e proporciona intersecções entre as compreensões.

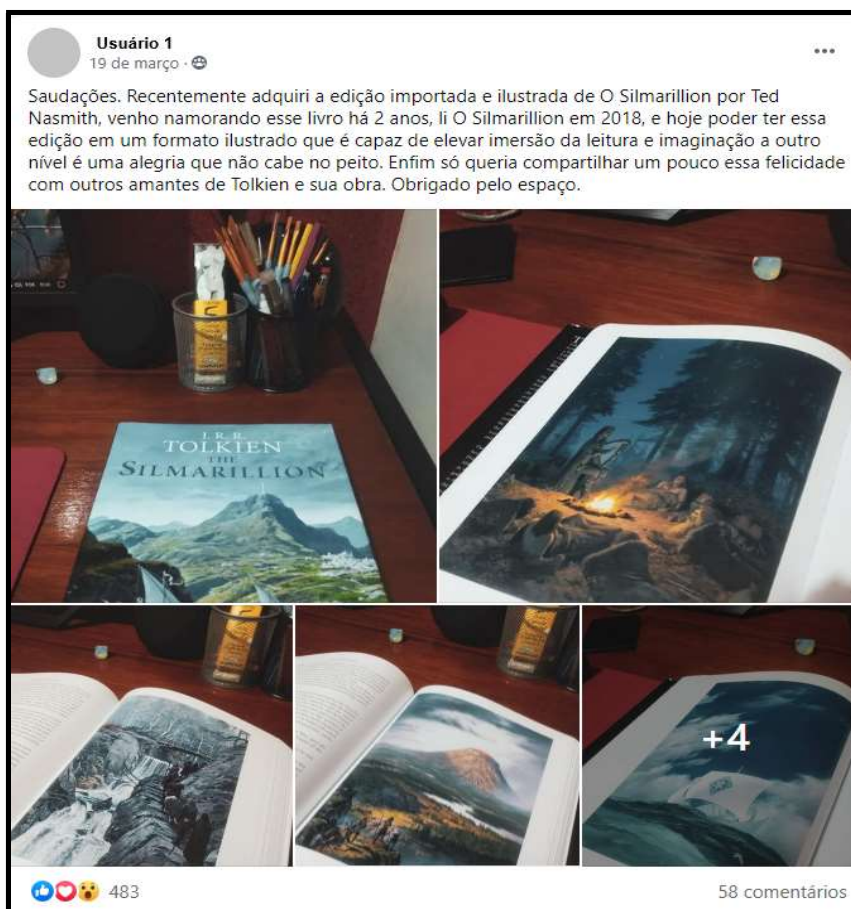
**Figura 22** - Usuários fazem indicações.



**Fonte:** Facebook, 2021.

Diferente das interações anteriores, na Figura 22 podemos identificar indicações por parte dos usuários. Estes, por sua vez, não apenas apresentam argumentações a respeito do personagem, mas direcionam os integrantes para outras plataformas. Como podemos observar, são sugeridos artigos relacionados ao assunto com breves apresentações. Assim, demonstrando um caráter de intermediação, em conformidade com o que é exposto por Souto (2008) ao apontar que na mediação o intermediário visa conectar o sujeito à informação almejada, de maneira que satisfaça - como abordado por Almeida Júnior e Bortolin (2007) - a necessidade informacional em questão.

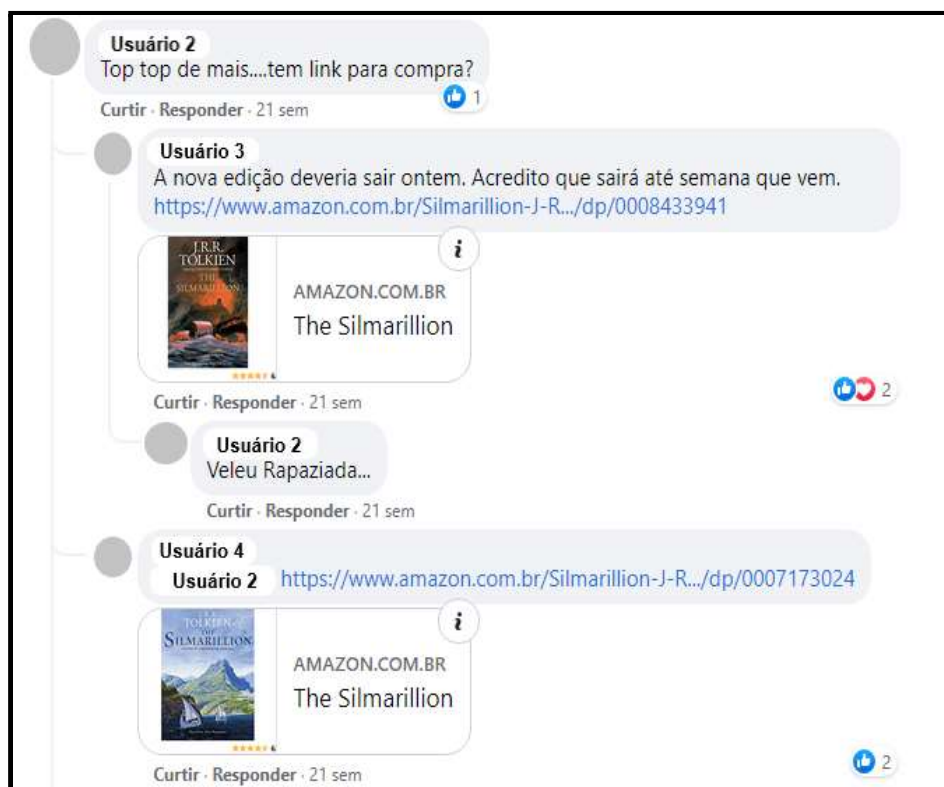
**Figura 23** - Tolkien Brasil: Publicação 02 - O Silmarillion ilustrado por Ted Nasmith.



Fonte: Facebook, 2021.

Na Figura 23 temos uma publicação realizada no dia 19 de março de 2021. Nela um usuário apresenta imagens de uma aquisição. A compra em questão trata-se de uma versão ilustrada de “O Silmarillion” com artes de Ted Nasmith. A postagem conta com 483 reações e 58 comentários. A seguir analisaremos algumas interações que foram consideradas relevantes para a pesquisa.

**Figura 24** - Membro do grupo solicita link para compra.

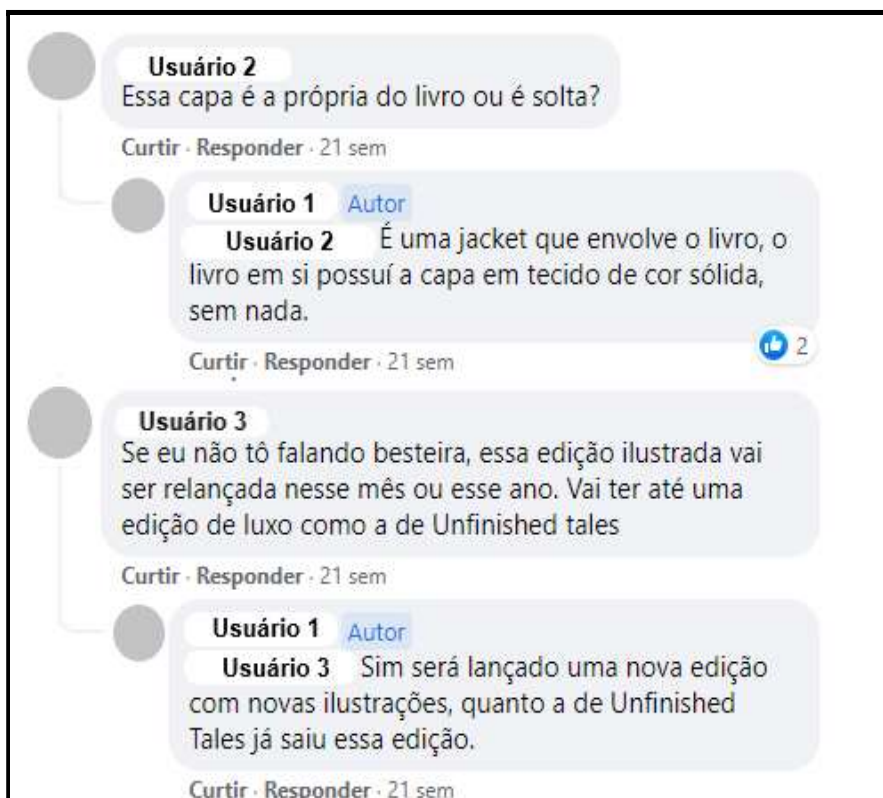


**Fonte:** Facebook, 2021

Podemos observar na imagem (Figura 24) acima uma breve interação onde um usuário pergunta se o autor da publicação possui o link para compra da obra, solicitação que é atendida prontamente por outros integrantes que por sua vez disponibiliza duas versões do livro. Nesta perspectiva, podemos identificar o que é apontado por Almeida Júnior e Bortolin (2007) ao tratarem do papel do mediador, cuja capacidade é conduzir o leitor em sua necessidade. Assim, tornando esse espaço um ambiente propício para atender as demandas do público.

Ainda nessa vertente, na imagem abaixo abordaremos outros elementos referentes às propriedades do livro em questão e sua relação com os membros da comunidade Tolkien Brasil.

**Figura 25** - Usuários solicitam informações sobre a obra.

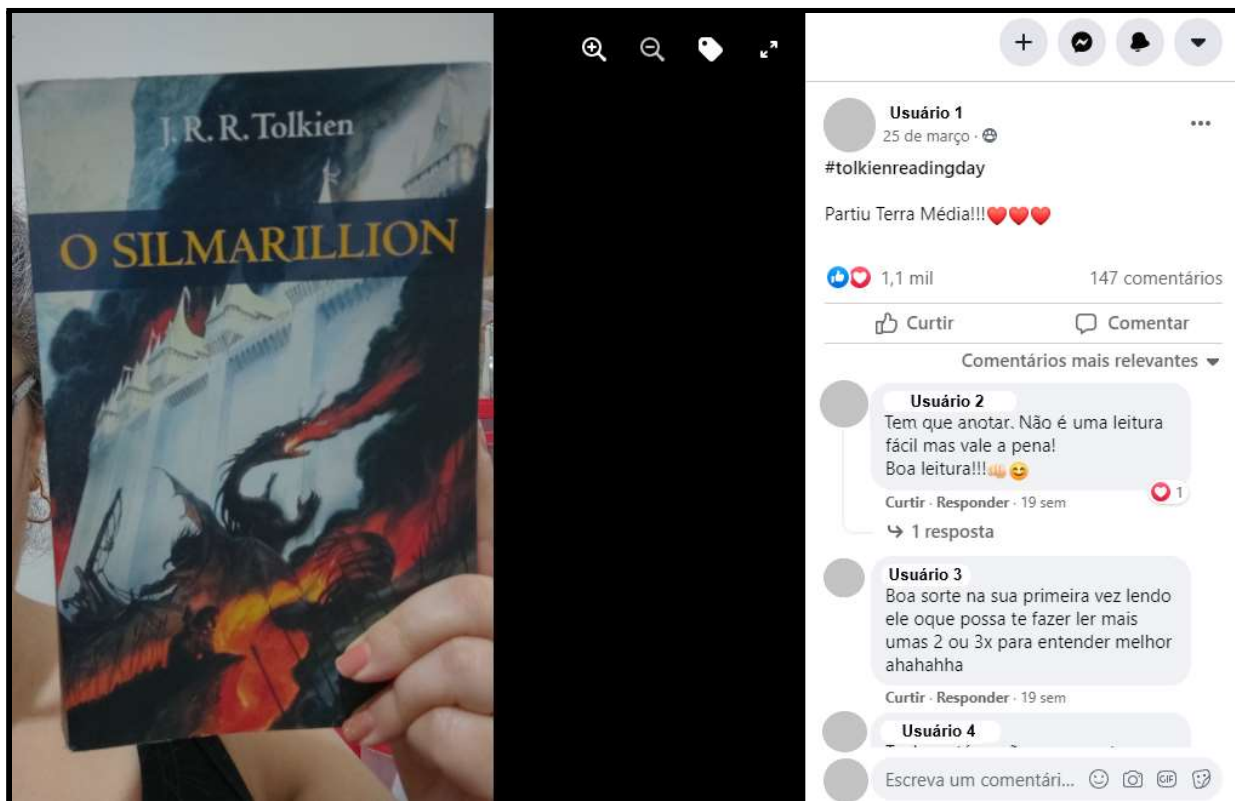


Fonte: Facebook, 2021

Na figura acima podemos observar a presença de duas conversações. Nelas o autor da postagem interage com dois membros do grupo. O primeiro indaga a respeito da capa do livro, enquanto o segundo pergunta sobre um possível lançamento de uma nova edição e de uma outra obra, no caso “Unfinished Tales” ou “Contos inacabados”, como foi traduzido aqui no Brasil. O autor da publicação apresenta as informações para as duas perguntas com seus respectivos detalhes, não respondendo apenas, mas enriquecendo sua resposta conforme apresentado na primeira pergunta. Assim, atuando como um conector entre o sujeito e seus anseios informacionais, como abordado por Souto (2008).



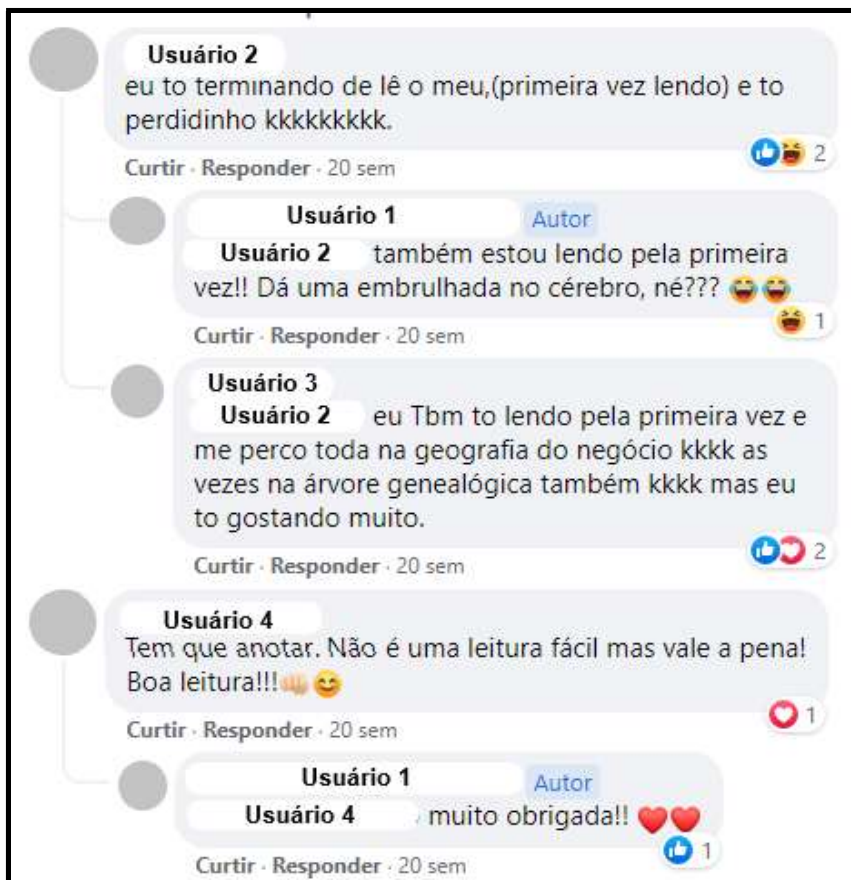
**Figura 26** - Tolkien Brasil: Publicação 03 - #tolkienreadingday Partiu Terra Média.



**Fonte:** Facebook, 2021

Na figura acima temos a imagem de uma usuária segurando a obra “O Silmarillion”. A publicação conta com 1.172 reações e 147 comentários. A postagem foi realizada no dia 25 de março de 2021 e apresenta a seguinte descrição: “#tolkienreadingday Partiu Terra Média!!!”. O post faz parte do movimento onde leitores fãs das obras de Tolkien dedicam o dia à leitura das obras do autor e compartilham as imagens em suas redes sociais ou em grupos utilizando a hashtag apresentada na descrição. A seguir, analisaremos as conversações que apresentam relevância para este trabalho.

**Figura 27** - Integrantes comentam sobre a primeira leitura da obra.



Fonte: Facebook, 2021

Conforme podemos observar na imagem acima, temos algumas conversações originadas a partir da postagem referente ao Tolkien Day. Na Figura 27 encontramos relatos de usuários afirmando estar lendo “O Silmarillion” pela primeira vez e que tem encontrado dificuldades para assimilar as informações, tendo em vista os inúmeros elementos que compõem a obra, como apontado por um perfil ao citar os aspectos geográficos, as genealogias etc. Mesmo com dificuldades, os membros da comunidade apresentam satisfação com a leitura da obra em questão. Após esses relatos, outro integrante do grupo sugere que a autora do post faça anotações, uma vez que não se trata de uma leitura fácil. Avaliando a interação, podemos perceber uma identificação entre os integrantes que vivenciam situações semelhantes. Conforme a sugestão do Usuário 4, é notória a necessidade de orientação quanto ao conteúdo lido, configurando-se como um “primeiro passo”. Como observado por Gomes (2014), a presença de uma relação dialógica e a

colaboração entre os participantes seriam fundamentais para o desenvolvimento do protagonismo dos sujeitos envolvidos.

**Figura 28** - Usuários fazem indicações.



Fonte: Facebook, 2021

Ainda na perspectiva de uma leitura inicial, na imagem acima (Figura 28) podemos observar indicações e esclarecimentos por parte de outros leitores. Nas conversações encontramos a sugestão de um membro da comunidade que indica à autora do post que busque ouvir o álbum *Nightfall in the Middle Earth*, da banda alemã Blind Guardian, tendo em vista que suas músicas foram baseadas em “O

Silmarillion”. A autora da publicação indaga a respeito de onde encontrar e logo recebe um link que a direcionaria ao conteúdo presente no Youtube. Após essa conversação, um outro usuário apresenta informações em relação à origem da obra e sua estrutura para fins de curiosidade. Nas orientações do primeiro usuário podemos identificar o que Davallon (2003) propõe ao tratar do sentido secundário de mediação ao retratar a passagem de uma mensagem para um estado que seja compreensível para os usuários, que anseiam pela informação, ação identificada na indicação de um álbum específico, que ao ser encontrado geraria uma interação de maneira assíncrona, conforme tratado por Souto (2008). Assim, gerando a apropriação da informação, fator essencial destacado por Silva e Silva (2013).

Observando as análises expostas até aqui, podemos perceber que a página da HarperCollins Brasil não divulgou todos os lançamentos previstos para o primeiro semestre de 2021. Assim, tornando-a incompleta tendo em vista a finalidade da mesma. Em suas postagens podemos identificar o que Davallon (2003) define por “Mediação midiática”, onde aquele que assume o papel de mediador o faz a partir do interior da mídia, ou seja, promovendo a informação por meio da escrita e seus recursos gráficos, na publicação em si. Entretanto, ao observar as interações e conversações presentes em seus posts, é nítida a necessidade da mediação da informação em outros aspectos gerados a partir das postagens. Foi possível identificar inúmeras dúvidas dos seguidores em relação a traduções, novos lançamentos e o conteúdo dos mesmos. Porém, nenhum destes questionamentos foi respondido pela página da editora, com exceção de uma reclamação de um cliente que apresentou queixa quanto a ausência de um material promocional em sua aquisição. O usuário em questão foi atendido prontamente e direcionado ao e-mail. A mesma postura não foi identificada nos outros casos mencionados, que por sua vez, os seguidores encontraram em outros usuários a figura do mediador, que compartilhavam informações e quando preciso os direcionam para outras plataformas. Não identificamos ações dialógicas com a finalidade de pôr os conhecimentos em harmonia, e nem que desenvolvessem o protagonismo dos sujeitos informacionais, como tratado por Gomes (2014). A comunicação não foi utilizada em conversações a fim de tornar seu conteúdo compreensível, conforme abordado por Davallon (2003). Logo, a página da editora HarperCollins Brasil não atuou nesses casos como um conector entre o indivíduo e a informação desejada,

conceito apresentado por Souto (2008). Os anseios informacionais dos seguidores não encontraram esclarecimentos por meio da moderação da página.

Diferente da situação apresentada anteriormente, encontramos uma outra realidade no grupo Tolkien Brasil. Questões referentes à natureza de personagens, obras importadas e suas versões, ordens de leitura e informações necessárias para iniciantes foram levantadas. Tratando-se de uma comunidade de prática podemos identificar elementos de colaboração e aprendizagem em relação às obras e a mitologia criada pelo autor, conforme tratado por Schmitt e Pacheco (2016). Os membros do grupo demonstraram conhecer as indagações intimamente e faziam recomendações de acordo com a situação dos envolvidos, explicitando o que foi abordado por Souto (2010) ao tratar do foco nos usuários durante uma mediação, considerando suas singularidades, as questões cognitivas etc. Assim, evidenciando o que foi apontado por Nunes e Cavalcante (2017), a respeito da apropriação das informações seguida de mudanças de percepções a respeito de determinado assunto.

Em discussões a respeito da natureza de determinados personagens, podemos encontrar ações de interferência, a fim de propiciar a satisfação de uma necessidade informacional, conforme aspectos tratados por Almeida Júnior e Bortolin (2007). A partir das questões apresentadas, as conversações desenvolvidas nas postagens preencheram as lacunas e podem ser acessadas por toda a comunidade de forma assíncrona através dos “rastros sociais”, conforme abordado por Recuero (2009). Assim, de questões problema, essas publicações tornaram-se fonte de criação de conteúdo construído de forma colaborativa pelos membros da comunidade.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o advento das redes sociais, a dinâmica de busca e consumo de informação foi impulsionada pela agilidade proporcionada por essas ferramentas. Esse fenômeno pode ser observado nas mais diversas esferas, entre elas destacamos o mercado. Para empresas, ter uma página ou perfil na internet é importante para garantir proximidade com seu público-alvo, proporcionando identificação e conseqüentemente, realizando a manutenção de sua popularidade. Entretanto, alguns empreendimentos demandam maior visibilidade entre seus consumidores, fator que pode ser ampliado através de uma boa comunicação.

Alguns elementos podem facilitar este processo, como ter entre seus clientes em potencial uma comunidade bem estruturada, algo que pode ser observado na atual situação da editora HarperCollins Brasil, que possui os direitos de publicação das obras de J. R. R. Tolkien desde o ano de 2018, autor consagrado na literatura fantástica e que possui inúmeros fãs em diversos grupos dedicados às suas obras.

Observando essa relação entre editora e seguidores, esta pesquisa teve por objetivo geral analisar o processo de mediação da informação em postagens a respeito das obras de Tolkien, nas redes sociais da editora HarperCollins Brasil e nas comunidades de prática formada por leitores deste autor. Por meio de análise, podemos concluir que este objetivo foi alcançado, tendo em vista que apesar da página da editora não realizar a mediação da informação em muitos casos, o processo ocorre por parte de outros seguidores de modo semelhante ao que acontece na comunidade em questão.

Os objetivos específicos também foram alcançados, uma vez que foi proposto a avaliação das postagens feitas na página da editora HarperCollins Brasil e no grupo Tolkien Brasil, além de verificar se há colaboração na prática da mediação da informação. Por meio de investigação percebemos que, embora a mediação ocorra de forma colaborativa, ela não parte da página da editora, e sim de seus seguidores. Também analisamos as práticas informacionais do público presente na comunidade em questão, as mais frequentes, a natureza do grupo, configurando-se como uma comunidade de prática, e, por fim, identificamos elementos da literatura fantástica de Tolkien que favorecem a criação de conteúdo. Este último pode ser observado nos tópicos de discussão, ordens de leitura e etc.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, realizamos um levantamento das publicações com maior número de interações em seus comentários, que foram feitas no primeiro semestre de 2021. Assim, selecionamos três publicações da página e três no grupo Tolkien Brasil. As conversações foram analisadas conforme as visões apresentadas pelos autores presentes no referencial teórico deste estudo.

A partir dos dados analisados, compreendemos a relevância de se realizar estudos a respeito das relações entre a mediação da informação e as comunidades de prática, tendo em vista que nas redes sociais as dinâmicas de busca por informação ocorrem naturalmente de forma colaborativa, consolidando uma estrutura de conteúdos a partir dos rastros sociais. Também lança luz a respeito do possível papel do bibliotecário-mediador, e das inúmeras possibilidades de atuação nestes espaços, que demonstram ser um campo favorável para a disseminação de informação. Logo, podemos observar nestes casos, uma interessante oportunidade das editoras construírem laços com o público e com aqueles que ainda não conhecem suas publicações. Assim, proporcionando um ambiente capaz de gerar discussões, apresentar soluções e preencher as lacunas no atendimento realizado pela moderação dos perfis oficiais.

Para pesquisas futuras, entendemos que ainda há várias discussões que possam ser geradas neste campo sobre as relações entre editoras e o trabalho colaborativo em comunidades de prática. Tendo como foco estudos a respeito da compreensão do papel do bibliotecário enquanto mediador entre a produção, organização e recuperação da informação nestes grupos, e como esses recursos podem ser utilizados pelos membros e editoras relacionadas. Assim, proporcionando uma visão ampla de como as editoras podem integrar essas comunidades aos seus serviços e de que forma o bibliotecário atuaria nesse contexto.

## REFERÊNCIAS

ABBADE, João. **Livros inéditos de Tolkien serão lançados no Brasil por nova editora**. 2018. Disponível em: <https://jovemnerd.com.br/nerdbunker/livros-ineditos-de-tolkien-serao-lancados-no-brasil-por-nova-editora/>. Acesso em: 13 mar. 2021.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de; BORTOLIN, Sueli. **Mediação da informação e da leitura**. 2007. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/277769128\\_Mediacao\\_da\\_Informacao\\_e\\_da\\_Leitura/link/56aa0d9a08ae2df82166bde6/download/](https://www.researchgate.net/publication/277769128_Mediacao_da_Informacao_e_da_Leitura/link/56aa0d9a08ae2df82166bde6/download/). Acesso em: 23 mar. 2021.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de; SANTOS NETO, João Arlindo dos. **Mediação da informação e a Organização do Conhecimento: interrelações. Informação & Informação**, [S.L.], v. 19, n. 2, p. 98-116, 28 abr. 2014. Universidade Estadual de Londrina. <http://dx.doi.org/10.5433/1981-8920.2014v19n2p98>.

CANALTECH. **Tudo sobre Facebook**. [2021?]. Disponível em: <https://canaltech.com.br/empresa/facebook/>. Acesso em: 15 mar. 2021.

CARPENTER, Humphrey. **J. R. R. Tolkien: uma biografia**. Rio de Janeiro: Harpercollins, 2018. 384 p. Tradução de Ronald Kymse.

CHESTERTON, Gilbert Keith. **Ortodoxia**. Jandira, Sp: Principis, 2019. 208 p. Tradução de Francisco Nunes.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008. xvi, 451 p.

DAVALLON, J. A mediação: a comunicação em processo? **Prisma-Revista de Ciências da Informação e da Comunicação**, n.4/jun. 2003. Disponível em: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/prismacom/article/view/2100/3046/>. Acesso em: 11 abr. 2021.

DURIEZ, Colin. **J. R. R. Tolkien e C. S. Lewis: o dom da amizade**. Rio de Janeiro: Harpercollins, 2018. 304 p. Tradução de Ronald Kymse.

EISHIMA, Rubens. **Internet alcança 74% dos brasileiros e 58% utilizam a rede apenas pelo celular**. 2020. Disponível em: <https://canaltech.com.br/internet/internet-alcanca-74-dos-brasileiros-e-58-utilizam-a-rede-apenas-pelo-celular-165851/>. Acesso em: 20 mar. 2021.

FACEBOOK. **Fazer uma publicação cruzada do Instagram Stories no Facebook**. [2021]. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/business/help/359139904893501?id=526867548205796>. Acesso em: 17 jul. 2021.



FACEBOOK. **Nossa história**. [2019]. Disponível em: <https://about.fb.com/br/company-info/>. Acesso em: 09 mar. 2021.

FLIEGER, Verlyn (ed.). Introdução. In: TOLKIEN, John Ronald Reuel. **A história de Kullervo**. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2016. p. 9-23. Tradução de Ronald Eduard Kyrmse.

GALILEU, Revista. **Com nova editora, obra inédita de JRR Tolkien chegará ao Brasil**. 2018. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2018/03/com-nova-editora-obra-inedita-de-jrr-tolkien-chegara-ao-brasil.html>. Acesso em: 11 mar. 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 200 p.

GOMES, H. F. A dimensão dialógica, estética, formativa e ética da mediação da informação.. **Informação & Informação**, v. 19, n. 2, p. 46-59, 2014. DOI: 10.5433/1981-8920.2014v19n2p46. Acesso em: 06 jun. 2021.

GRUPO TOLKIEN BRASIL. **O Silmarillion ilustrado por Ted Nasmith**. 19 mar. 2021. Facebook: Grupo Tolkien Brasil. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=1758460624315643&set=pcb.1897158290436213>. Acesso em: 21 ago. 2021.

GRUPO TOLKIEN BRASIL. **#tolkienreadingday Partiu Terra Média**. 25 mar. 2021. Facebook: Grupo Tolkien Brasil. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=3986558974768233&set=gm.1902368283248547>. Acesso em: 21 ago. 2021.

GRUPO TOLKIEN BRASIL. **Uma discussão sobre Tom Bombadil**. 09 mar. 2021. Facebook: Grupo Tolkien Brasil. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=2842645282639895&set=gm.1885807728237936>. Acesso em: 21 ago. 2021.

HARLEQUIN. **Sobre a Harlequin**. [2020]. Disponível em: <https://harlequin.com.br/sobre-a-harlequin/>. Acesso em: 06 abr. 2021.

HARPERCOLLINS. **A HarperCollins Brasil**. [2020]. Disponível em: <https://harpercollins.com.br/sobre-a-harpercollins-brasil/>. Acesso em: 06 abr. 2021.

HARPERCOLLINS. **COMPANY PROFILE**. [2021]. Disponível em: <https://www.harpercollins.com/pages/worldwide-company-profile>. Acesso em: 02 fev. 2021.

HARPERCOLLINS BRASIL. **Essa coleção é linda demais, né?** 20 jan. 2021. Facebook: Harpercollins Brasil. Disponível em: <https://www.facebook.com/HarperCollinsBra/photos/5661593857200023>. Acesso em: 21 ago. 2021.

HARPERCOLLINS BRASIL. **Lançamento global: a natureza da terra-média**. 25 maio 2021. Facebook: Harpercollins Brasil. Disponível em:

<https://www.facebook.com/HarperCollinsBra/photos/6287978121228257>. Acesso em: 21 ago. 2021.

HARPERCOLLINS BRASIL. **Novidade no Instagram**. 18 de jun. de 2021. Instagram: @harpercollinsbrasil. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CQRe0cZs1IO/>. Acesso em: 20 de ago. de 2021

HARPERCOLLINS BRASIL. **#Repost do perfil @leiaantesdemorrer**. 01 fev. 2021. Facebook: Harpercollins Brasil. Disponível em: <https://www.facebook.com/HarperCollinsBra/photos/5715856491773759>. Acesso em: 21 ago. 2021.

HARPERCOLLINS BRASIL. **#Repost do perfil @leiaantesdemorrer**. 01 de fev. de 2021. Instagram: @harpercollinsbrasil. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CKwCkOiheQq/>. Acesso em: 20 de ago. de 2021

HARPERCOLLINS BRASIL. **Roverando inaugura uma linha de livros de Tolkien**. 16 jan. 2021. Facebook: Harpercollins Brasil. Disponível em: <https://www.facebook.com/HarperCollinsBra/photos/5640778925948183>. Acesso em: 21 ago. 2021.

IPIRANGA, Ana Sílvia Rocha; FARIA, Maria Vilma Coelho Moreira; AMORIM, Mônica Alves. A comunidade de prática da rede nós: colaborando e compartilhando conhecimentos em arranjos produtivos locais. **Organizações & Sociedade**, [S.L.], v. 15, n. 44, p. 149-170, mar. 2008. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1984-92302008000100008>.

JUNQUEIRA, Daniel. **Facebook**: confira a história e dicas de segurança para a rede social. confira a história e dicas de segurança para a rede social. 2018. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2018/12/20/noticias/facebook-confira-a-historia-e-dicas-de-seguranca-para-a-rede-social/>. Acesso em: 12 mar. 2021.

KEMP, Simon. **DIGITAL 2021: BRAZIL**. 2021. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2021-brazil>. Acesso em: 16 mar. 2021.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. 311 p.

LEWIS, Clive Staples. **O sobrinho do mago**. 4. ed. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2014. 184 p. Tradução de Paulo Mendes Campos.

LEWIS, Clive Staples. **Um experimento em crítica literária**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019. 160 p. Tradução de Carlos Caldas.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2003. 94 p. (Princípios).

MICHAELIS. Comunidade. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=comunidade/>. Acesso em: 11 abr. 2021

MICHAELIS. Mediação. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=media%C3%A7%C3%A3o/>. Acesso em: 11 abr. 2021

MILANESI, Luís. **Biblioteca**. 3. ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2013. 118 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 28 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MOCELLIM, Alan Delazeri. A comunidade: da sociologia clássica à sociologia contemporânea. **Plural (São Paulo. Online)**, [S.L.], v. 17, n. 2, p. 105, 10 dez. 2010. Universidade de São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2010.74542>.

NOAD, Charles E.; COLLIER, Ian; HELEN, Daniel. **Books by J. R. R. Tolkien**. [2021]. Disponível em: <https://www.tolkiensociety.org/author/books-by-tolkien/>. Acesso em: 14 mar. 2021.

NUNES, Jefferson Veras; CAVALCANTE, Lídia Eugênia. Por uma epistême mediacional na Ciência da Informação. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, [s. l.], v. 10, n. 2, p. 1-20, ago./dez. 2017.

RECUERO, Raquel. Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet. **Revista Famecos**, [S.L.], v. 16, n. 38, p. 118-128, 14 maio 2009. EDIPUCRS. <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2009.38.5309>.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. 191 p. (Coleção Cibercultura). Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/259328435\\_Redес\\_Sociais\\_na\\_Internet/link/0c96052b036ed28f4d000000/download](https://www.researchgate.net/publication/259328435_Redес_Sociais_na_Internet/link/0c96052b036ed28f4d000000/download). Acesso em: 20 mar. 2021.

RECUERO, Raquel da Cunha. **Comunidades em Redes Sociais na Internet: proposta de tipologia baseada no fotolog.com**. 2006. 334 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

SCHMITT, Sabrina Rebelo; PACHECO, Andressa Sasaki Vasques. FATORES CRÍTICOS DE SUCESSO À MANUTENÇÃO DE COMUNIDADES DE PRÁTICA: análise sob a ótica de um grupo de gestores com características preponderantes as de uma comunidade. **P2P e Inovação**, [S.L.], v. 2, n. 2, p. 115-141, 17 abr. 2016. P2P & INOVACAO. <http://dx.doi.org/10.21721/p2p.2016v2n2.p115-141>.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho; SILVA, Andreia Santos Ribeiro. A mediação da informação como prática pedagógica no contexto da biblioteca escolar: algumas considerações. **Biblioteca Escolar em Revista**, [S.L.], v. 1, n. 2, p. 1, 10 jan. 2013.

Universidade de São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-5894.berev.2012.106561>.

SILVA, Rovilson José da; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação: perspectivas conceituais em educação e ciência da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [S.L.], v. 23, n. 2, p. 71-84, jun. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1981-5344/2772>.

SOUTO, Leonardo Fernandes. **Mediação em serviços de disseminação seletiva de informações no ambiente de bibliotecas digitais federadas**. 2008. 238 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Cap. 8.

SOUTO, Leonardo Fernandes. Mediação, necessidade informacional, busca de informação e serviços de disseminação seletiva de informações. In: \_\_\_\_\_. **Informação seletiva, mediação e tecnologia: a evolução dos serviços de disseminação seletiva de informações**. Rio de Janeiro: Interciência, 2010.

TERRA. **Os brasileiros estão cada vez mais conectados à internet**. 2020. Disponível em:

<https://www.terra.com.br/noticias/tecnologia/seguranca-digital/os-brasileiros-estao-cada-vez-mais-conectados-a-internet,e6901880be9ea5939ec86d9ad59c2e8737neon3b.html#:~:text=Dados%20da%20Hootsuite%20comprovam%20que,mais%20tempo%20conectado%20%C3%A0%20internet.&text=A%20pesquisa%20ainda%20revela%20que,ficando%20apenas%20atr%C3%A1s%20das%20Filipinas..> Acesso em: 16 mar. 2021.

THOMAS NELSON (Brasil). **Sobre a Thomas Nelson Brasil**. [2020]. Disponível em: <https://thomasnelson.com.br/sobre-a-thomas-nelson/>. Acesso em: 06 abr. 2021.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017. 188 p. (Debates). Tradução de Maria Clara Correa Castello.

TOKARNIA, Mariana. **Celular é o principal meio de acesso à internet no país**. 2020. Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-04/celular-e-o-principal-meio-de-acesso-internet-no-pais>. Acesso em: 19 mar. 2021.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. **A história de Kullervo**. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2016. 164 p. Tradução de Ronald Eduard Kyrmse.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. **Árvore e folha**. Rio de Janeiro: Harpercollins Brasil, 2020. 175 p. Tradução de Reinaldo José Lopes.

TOLKIEN, John Ronald Reuel; TOLKIEN, Christopher John Reuel. **Contos inacabados: de númenor e da terra-média**. 2. ed. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2009. 585 p. Tradução de Ronald Eduard Kyrmse.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. **Ferreiro de Bosque Grande**. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2015. 164 p. Tradução de Ronald Eduard Kyrmse.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. **O Senhor dos Anéis**: primeira parte: a sociedade do anel. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 443 p. Tradução de Lenita Maria Rímoli Esteves, Almiro Pisetta.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. **O Silmarillion**. 5. ed. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2011. 467 p. Tradução de Waldéa Barcellos.

WELLS, Herbert George. **A máquina do tempo**. Jandira, SP: Principis, 2020. 112 p. Tradução de Luísa Facincani.

WHITE, Michael. **J. R. R. Tolkien**: o senhor da fantasia. Rio de Janeiro: Darkside, 2016. 280p.